



ESCOLA BAHIANA DE MEDICINA E SAÚDE PÚBLICA
MESTRADO PROFISSIONAL EM PSICOLOGIA E INTERVENÇÕES EM SAÚDE

NÁDIA MAURÍCIA DE MORAES MATOS

**PSICOLOGIA E RELIGIOSIDADE/ESPIRITUALIDADE: VIVÊNCIAS DE
PSICÓLOGAS/OS E SEU IMPACTO NA PRÁTICA CLÍNICA**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

SALVADOR,BAHIA

2024

NÁDIA MAURÍCIA DE MORAES MATOS

**PSICOLOGIA E RELIGIOSIDADE/ESPIRITUALIDADE: VIVÊNCIAS DE
PSICÓLOGAS/OS E SEU IMPACTO NA PRÁTICA CLÍNICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Psicologia e Intervenções em Saúde, da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia e Intervenções em Saúde.

Orientadora: Prof.^a Dra. Mônica Ramos Daltro

SALVADOR-BAHIA

2024

Dedico esta dissertação a todos os pesquisadores e pesquisadoras no campo da religiosidade e espiritualidade que, no mundo todo, com coragem e competência, se empenham continuamente em ampliar os limites da percepção coletiva de realidade e trabalham para construir uma ciência que inclua mais e mais da complexidade humana. Muito feliz em participar desta tribo.

Agradecimentos

À minha família, começando por meus pais, Ivonildes – muito feliz de completar 90 anos e ser bisavó – e José (in memoriam), que, cada um do seu jeito, me ensinaram a amar o conhecimento e encheram minha infância de livros, que abriram para mim horizontes maravilhosos; às minhas irmãs e irmãos, que sempre me ensinam coisas novas, é muito bom ser uma entre tantos; à minha família estendida, principalmente as queridas tias Miraci e Juraildes Matos, raízes serenas e amorosas que me ligam às minhas origens; às minhas queridas sobrinhas e sobrinhos e seus adoráveis filhos, a bela continuação de nossa família; principalmente, a Cecília, Gabriel e Júlia, porque são minha mais linda experiência de amor e alimentam minha alma – amo vocês mais do que sou capaz de expressar...

À minha família espiritual, companheiros de ontem e de hoje no movimento espírita, partilhando crenças, esperanças e convicções, pessoas com quem construo uma comunidade de almas, trabalho para a realização dos melhores ideais e alimento minhas conexões espirituais mais amplas; em especial, a Ruth Brasil, psicóloga, um exemplo de fé, ousadia e perseverança.

Aos amigos de toda uma vida: Nilzete, uma alma amorosa e delicada, que desde a adolescência me ensinou que experiências difíceis não nos definem; Irimária, íntegra e realizadora, com quem tive maravilhosas conversas sobre os caminhos que fazíamos, que sempre se assemelhavam, mesmo quando estávamos fisicamente longe; e André, um amigo silencioso, mas sempre presente, afetuoso e discreto, exemplo de persistência, que sempre me desafiou a levar minha mente além das aparências e do imediato, e que “dessa vez, está aqui”.

A todos os trabalhadores do CCVP, colegas docentes, funcionários, voluntários, gestores, estudantes, comunidade. É impossível descrever como é importante ter vocês e essa estrutura na minha vida, a diferença que faz e o quanto agradeço. Na pessoa de Eleonora Peixinho, por sustentar este serviço, mais do que agradeço, eu homenageio cada companheiro

e companheira que torna possível a realização de nosso sonho de um mundo melhor, no “Vida Plena”.

À Bahiana, onde amo trabalhar, às sucessivas coordenadoras, na competência de Sylvia Barreto, a cada colega do curso de psicologia e à nossa querida equipe do Internato, no carinhoso cuidado de Myla Arouca, muito obrigada por me apoiarem nesse mestrado e me oferecerem o espaço e o tempo necessários de crescimento, ao longo dos anos, muito além do campo profissional.

À equipe docente do Mestrado Profissional em Psicologia e Intervenções em Saúde, colegas que se tornaram mestras e me ensinaram mais do que os conteúdos de cada componente, a ser uma educadora melhor: foi muito bom ser aluna de vocês! A Marilda Castelar, que me recebeu como orientanda, há muito tempo, quando comecei minha caminhada para o mestrado, um agradecimento especial, por seu carinho e disponibilidade.

Às colegas do grupo de pesquisa, especialmente Agá e Amanda, pelo apoio na minha pesquisa de campo; foi muito importante a ajuda de vocês.

Às/aos participantes desta pesquisa, pela disponibilidade, entrega e extraordinária contribuição; vocês sabem, sem vocês não existe pesquisa. MUITÍSSIMO GRATA.

A Mônica, querida orientadora, uma educadora por excelência, uma pessoa tão cheia de energia, tão confiante no meu trabalho, tão generosa e honesta; sempre que trabalhei com você aprendi e cresci muito, mas, no mestrado, você foi fundamental para que eu encontrasse o meu caminho e conseguisse expressar o que aprendi, em muitos níveis. Obrigada, Mônica, por sua paciência e alegria, pela abertura a todos os temas, por me oportunizar a pesquisa no campo da espiritualidade e pela competência que expressa no que faz. Espero novos caminhos, com você, na pesquisa!

A Aline, Jéssica e Paulo, que aceitaram participar da banca, usando seu tempo e conhecimentos, durante um verão que convida ao lazer, para contribuir com este trabalho. Muita gratidão a vocês!

Os agradecimentos seriam infinitos, se possível fosse. Não sendo, elevo meu pensamento à Fonte e Sustentáculo de toda a realidade, que chamo Deus, pedindo que envolva em luz, paz e muito amor a todas essas pessoas, e a inúmeras outras, que, de algum modo, atravessaram e atravessam meu caminho e tornam possível meu crescimento. Muito obrigada a vocês, estaremos sempre nos encontrando na permanente jornada rumo à perfeição!

“Nascer, viver, morrer, renascer ainda e progredir sempre; tal é a Lei”.

Inscrição no túmulo de Allan Kardec.

“Uma vida sem objetivo é uma vida sem alegria. Tenham todos um objetivo. Mas não se esqueçam de que da qualidade de seu objetivo vai depender a qualidade de sua vida. Que seu objetivo seja elevado e vasto, generoso e desinteressado; assim, sua vida se tornará preciosa para vocês mesmos e para os outros”.

A Mãe – Mira Alfassa.

“Porque um fenômeno é raro e inabitual, não temos de jeito nenhum o direito de concluir que ele não existe. Porque um fenômeno é de difícil análise, não se deve ter medo de empreender o seu estudo”.

Charles Richet – prêmio Nobel de Medicina.

“Sob a aparência inicial de infinita diversidade, talvez possamos encontrar um elemento comum essencial, complementar e fundamental, que permeie toda a natureza, que transcenda as fronteiras disciplinares tradicionais e represente, em última análise, uma função da nossa própria consciência”.

Roger N. Walsh

RESUMO

Realizando escuta na prática clínica, psicólogas/os encontram demandas relacionadas a experiências religiosas e espirituais a que devem responder profissionalmente. Objetivando analisar o impacto das vivências de Religiosidade/Espiritualidade (R/E) na prática clínica de psicólogas/os, esse é um estudo descritivo de natureza qualitativa com um grupo de nove psicólogas/os de Salvador, Bahia. As narrativas das/os participantes foram coletadas através da Roda de Conversa. Utilizando a Análise de Conteúdo na perspectiva proposta por Cecilia Minayo na década de 2000, foi possível compreender os sentidos presentes e produzir uma síntese interpretativa. Os resultados identificaram três categorias analíticas: 1) experiências pessoais, 2) conflitos e silenciamento social e 3) R/E na prática clínica. A análise desse conjunto complexo de sentidos aponta a necessidade de compartilhar narrativas de caráter reflexivo e informativo sobre a dimensão R/E, no campo da formação em psicologia. Assim, essa dissertação profissional apresenta uma estratégia formativa de natureza didático-informativa: duas temporadas de podcasts, com 09 episódios cada, discutindo conceitos teóricos, pesquisas e regulamentações sobre o manejo da R/E na formação e prática profissional. Em cada episódio, especialistas na área compartilham os conhecimentos científicos sobre o tema. Finalizando, esse estudo apresenta falas que mostram como a identidade religiosa é vivida pelas/os psicólogas/os com temor, expresso no medo de manifestar as próprias crenças e afiliações religiosas e espirituais. Essa centralidade do medo está relacionada às microagressões, vivenciadas no cotidiano, impregnando a formação profissional e a prática clínica. Fica claro também que, independentemente de seus próprios posicionamentos quanto à R/E, psicólogas/os consideram necessário discutir as implicações da integração deste campo à prática clínica, desejam obter os conhecimentos produzidos e buscam ativamente os meios de integrar, de modo bem fundamentado, a R/E ao seu trabalho.

Palavras-chave: Psicologia; Religiosidade; Espiritualidade; Psicologia Clínica.

ABSTRACT

By listening in clinical practice, psychologists encounter demands related to religious and spiritual experiences to which they must respond professionally. Aiming to analyze the impact of experiences of Religiosity/Spirituality (R/S) on the clinical practice of psychologists, this is a descriptive study of a qualitative nature with a group of nine psychologists from Salvador, Bahia. The participants' narratives were collected through the Conversation Circle. Using Content Analysis from the perspective proposed by Cecilia Minayo in the 2000s, it was possible to understand the meanings present and produce an interpretative synthesis. The results identified three analytical categories: 1) personal experiences, 2) conflicts and social silencing and 3) R/S in clinical practice. The analysis of this complex set of meanings highlights the need to share reflective and informative narratives about the R/S dimension, in the field of psychology training. Thus, this professional dissertation presents a training strategy of a didactic-informative nature: two seasons of podcasts, with 9 episodes each, discussing theoretical concepts, research, and regulations on the management of R/S in professional training and practice. In each episode, experts in the field share scientific knowledge on the topic. Finally, this study presents statements that show how religious identity is experienced by psychologists with fear, expressed in the fear of expressing their own religious and spiritual beliefs and affiliations. This centrality of fear is related to microaggressions, experienced in everyday life, permeating professional training and clinical practice. It is also clear that, regardless of their own positions regarding R/S, psychologists consider it necessary to discuss the implications of integrating this field into clinical practice, wish to obtain the knowledge produced and actively seek the means of integrating, in a well-founded way, R/E to your work.

Keywords: Psychology; Religiosity; Spirituality; Clinical Psychology.

SUMÁRIO

Apresentação.....	6
1.Introdução	9
1.1 Referências Conceituais Básicas.....	9
1.1.1 Espiritualidade	9
1.1.2 Religião.....	10
1.1.3 Religiosidade.....	10
1.1.4 Religiosidade/Espiritualidade – R/E.....	11
2 Referencial Teórico	18
2.1 Psicólogas/os e o Campo da R/E	18
2.2 Estudos Relacionados À Temática.....	20
2.3 Regulações Profissionais	23
2.4 Silenciamentos	25
3 Objetivos.....	29
3.1 Objetivo Primário.....	29
3.2 Objetivo Secundário.....	29
4 Percurso Metodológico	30
4.1 Cenário 1 – Pesquisa de Campo.....	30
4.1.1 Desenho de Estudo.....	30
4.1.2 Participantes.....	30
4.1.3 Coleta de Dados	32
4.1.4 Aspectos Éticos, Riscos E Benefícios.....	33
4.1.5 Plano de Análise.....	34
4.2 Cenário 2 – Podcast: Difusão do Conhecimento Sobre R/E.....	35
4.2.1 Construção do Produto.....	36
5 Resultados E Discussão	38
5.1 Cenário 1 – Pesquisa de Campo.....	38
5.1.1 Etapa Preliminar – Formação do Grupo	38
5.1.2 Configuração Final do Grupo	39
5.2 Categorias de Análise Decorrentes da Roda de Conversa	42
5.2.1 Categoria 1. Experiências E Construções Pessoais.....	42
5.2.2 Categoria 2: Conflitos e Silenciamento da Religiosidade/Espiritualidade	48
5.2.3 Categoria 3: Espiritualidade na Prática Clínica	54
5.3 Cenário 2 - Produto de Difusão de Conhecimento	62
6 Considerações Finais	64
REFERÊNCIAS.....	68
ANEXOS	78
Anexo A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	78
Anexo B - Produto de Difusão de Conhecimento – Podcasts Temporada 1.....	80
Anexo C - Produto de Difusão de Conhecimento – Podcasts Temporada 2 (Em Produção) ..	82
Anexo D – Parecer Consubstanciado do CEP	83

Apresentação

A temática deste trabalho é familiar à própria estruturação de minha identidade.

Cresci em Salvador – Bahia, a partir da segunda metade dos anos 50 do século passado, numa família de classe popular, profundamente enraizada à cultura baiana, que naturalizava a religião católica, professada por minha família. À medida que crescia, tornei-me católica por opção, estudando a doutrina, participando de grupos de jovens e realizando, com muita satisfação pessoal, as práticas e rituais da minha religião. Nunca percebi qualquer conflito entre as minhas crenças e vivências espirituais e a ciência que aprendia na escola. Tinha muito interesse por conhecimentos científicos e, já naquela época, por psicologia.

Aos dezesseis anos, cursando o Ensino Médio, decidi participar de um curso sobre o que hoje chamamos de “experiências anômalas”, ministrado por um sacerdote muito famoso nos meios católicos e na mídia em geral. Ele prometia explicações científicas que refutavam as concepções de outras religiões sobre tais fenômenos e comprovavam a católica. Compareci a todas as aulas com interesse e atenção. Na última, verifiquei que, não somente não havia explicações científicas definitivas apresentadas, como o modelo explicativo que ele utilizava não fora aplicado aos fenômenos católicos por serem considerado verdadeiros em si mesmos. Naquele momento, mesmo rejeitando completamente o que considerei e considero uma apropriação indevida do conceito de ciência, não me senti minimamente abalada nas minhas convicções religiosas.

Revendo essa memória, percebo que duas características importantes para o meu trabalho futuro já estavam desenvolvidas àquela altura: um profundo respeito pelo fazer científico e a honestidade intelectual como valor máximo.

Ao longo dos anos, fiz meu caminho através do amadurecimento de minhas crenças e de meus conhecimentos, tornei-me psicóloga, tornei-me espírita e, quando me perguntavam como eu conciliava as duas coisas, eu não compreendia, sempre me sentia surpresa. Aos

poucos, fui associando esta pergunta a um certo desconforto com as reações ao declarar minhas crenças e fui aprendendo a evitar o assunto, conforme o contexto.

Tornei-me psicóloga clínica e professora de psicologia, inclusive supervisora de estágio clínico. Aprendi muito e comecei a pensar mais nas teorias psicológicas, nas bases filosóficas das abordagens, nas questões científicas, enfim, me qualifiquei mais para entender a pergunta que me faziam, de onde ela vinha, o que a produz, como respondê-la.

Na minha prática docente, supervisionando estágio de atendimento à população, comecei a perceber os variados sentidos da vivência religiosa e espiritual na vida das pessoas, tanto para a saúde física e mental como para o bem-estar e a superação de crises importantes.

Este trabalho representa uma espécie de síntese dos caminhos que fiz, sobretudo profissionalmente, como um ser humano que desejou e conseguiu se tornar psicóloga; que não desejou, mas cresceu muito ao se tornar professora, contribuindo para as novas gerações de profissionais que se formam a cada ano.

Escolher este tema para minha pesquisa de mestrado e me tornar pesquisadora no campo da religiosidade e espiritualidade aconteceu naturalmente, primeiro como um desejo que parecia distante, depois como uma possibilidade cada vez mais concreta. Um ponto decisivo foi ingressar, há vários anos, no Grupo de Pesquisa Psicologia, Diversidade e Saúde, na linha coordenada pela Dra. Mônica Daltro, que estuda Formação e Práticas de Profissionais de Saúde. Adquiri conhecimentos, familiaridade com o fazer científico e pude elaborar este projeto, que é parte de um projeto mais amplo em nosso grupo, Lógicas Religiosas e Espirituais em Saúde, que já teve outros dois estudos concluídos e mais um em andamento.

Enquanto realizava esta pesquisa, claro, muita coisa aconteceu: tivemos a pandemia de COVID-19, um mês depois de meu ingresso no mestrado, foi preciso ressignificar muitas coisas: prosseguir ensinando e praticando clínica em tempos profundamente desafiadores, revisitar e reafirmar minhas convicções religiosas e espirituais e, mais do que nunca,

compreender a realidade através delas, transformando em ações concretas as convicções interiores. E fazer tudo isso, profissional e pessoalmente, a partir de relacionamentos que se mostravam fundamentais e, ao mesmo tempo, não podiam incluir proximidade física, toque, precisavam ser mediados por tecnologias antes rejeitadas ou, simplesmente, desconhecidas.

Escutar as/os psicólogas/os sobre o tema da religiosidade/espiritualidade na prática clínica foi, inesperadamente, uma experiência muito mobilizadora. O uso da Roda de Conversa para a coleta de dados permitiu uma interação maior do grupo e intensificou os relatos de experiências. Para mim, teve um efeito de ativar memórias e conexões que não estavam muito conscientes. Também me senti muito feliz com o volume de informação e a possibilidade de discutir a temática.

A expectativa que tenho é de prosseguir como pesquisadora nesta área e publicar os elementos trazidos pelo estudo. Acho importante contribuir para superar as lacunas de conhecimento existentes e, mais ainda, trabalhar numa divulgação científica que leve nossa sociedade a superar o conflito construído entre ciência e religião, e fortalecer a integralidade das vivências humanas uma condição importante, a meu ver, para vencer os desafios de nossa época.

1. Introdução

Considerando o aumento dos estudos em Religiosidade e Espiritualidade – R/E – nas últimas décadas, bem como a complexidade do campo e a diversidade de disciplinas que a pesquisam, torna-se necessário explicitar os conceitos adotados por nós na construção desse texto científico. O campo em estudo é atravessado por diferentes movimentos epistemológicos, relacionados ao contexto de pesquisa, ao momento histórico ou ao paradigma adotado (da Cunha, Rossato, Gaia & Scorsolini-Comin, 2020). Isso se reflete na diversidade de conceitos e a importância de apresentar ao leitor o campo epistemológico que guia essa dissertação profissional.

1.1 Referências Conceituais Básicas

1.1.1 *Espiritualidade*

Um conceito complexo, que compreende várias concepções diferentes, conforme o contexto histórico, cultural, religioso etc. Historicamente usado para descrever as práticas de pessoas religiosas ou suas vivências dos princípios da fé, principalmente nos estudos relacionados à saúde, nas últimas décadas tem sido dissociado da religião, tornando-se um construto específico (Sena et al, 2021). Alguns estudos sobre a relação entre espiritualidade e saúde tendem a usar um conceito mais amplo, que inclui “bem-estar” e “felicidade”, além das tradicionais “transcendência” e “finitude”, enquanto outros trabalham num âmbito mais estrito.

Têm sido feitos esforços para chegar a um conceito que dê conta da pesquisa sobre o tema abrangendo ao máximo sua complexidade. Nesse estudo utilizamos o conceito de Puchalski et al (2014), construído através de conferências de consenso, ao longo de vários anos e onde buscaram produzir um conjunto de padrões e estratégias que integrassem, a partir de evidências, o cuidado espiritual ao conjunto dos cuidados em saúde:

A espiritualidade é um aspecto dinâmico e intrínseco da humanidade através do qual as pessoas buscam significado, propósito e transcendência e experienciam o relacionamento consigo mesmas, com a família, com os outros, com a comunidade, com a sociedade, com a natureza, e com o profundo ou sagrado. A espiritualidade é expressa por meio de crenças, valores, tradições e práticas”. PUCHALSKI et al, 2014, p. 646. Tradução de Milena Nardini Bubols.

A utilização deste conceito nos permite uma compreensão da espiritualidade como componente intrínseco do ser humano, relacionado a dimensões que vão além do cotidiano e se vinculam às suas vivências últimas e ao sagrado. Inclui também as variadas formas pelas quais se expressa.

1.1.2 Religião

Quanto a religião, com estudos realizados há décadas, as disciplinas de ciências da religião consideram que ela está relacionada às organizações que lidam com o sagrado, utilizando símbolos, rituais etc. (Damiano, Costa, Viana, Moreira-Almeida, Lucchetti, & Lucchetti, 2016). Como uma experiência comum em todas as culturas humanas, a religião é considerada algo natural e seu conceito tido como universal. Entretanto, devido à complexidade e variedade das estruturas religiosas, estudiosos necessitam explicitar a abrangência do conceito que utilizam em suas pesquisas. Neste estudo, utilizamos o conceito exposto por Almeida et al (2018):

A religião é frequentemente vista como o aspecto institucional da espiritualidade, geralmente definida mais em termos de sistemas de crenças e práticas relacionadas com o sagrado ou divino, realizadas por uma comunidade ou grupo social.

1.1.3 Religiosidade

O conceito de religiosidade dá conta da dimensão pessoal na vivência da religião. Enquanto esta é institucionalizada, formalizada e comunitária – em graus variáveis –

expressando uma estrutura de crenças, vivências e práticas, a religiosidade se refere à forma, singular e subjetiva, como cada um vivencia sua religião e como a vida da pessoa é influenciada por ela, vinculada ou não a uma instituição religiosa (Gomes, Farina, & Dal Forno, 2014). Independente da similaridade de práticas e crenças, as vivências pessoais se diferenciam e representam significados específicos que afetam a expressão religiosa. Assim, pessoas da mesma religião podem apresentar vivências diferentes conforme a religiosidade desenvolvida. Considerando esta ligação com a dimensão pessoal, a religiosidade se torna um elemento importante a considerar na prática clínica, a ser observado pela/o psicóloga/o tanto nas vivências pessoais e relações interpessoais, quanto na associação aos processos psicoterapêuticos (Henning-Geronasso & Moré, 2015).

1.1.4 Religiosidade/Espiritualidade – R/E

Em estudos relacionados à saúde e o impacto sofrido pela religiosidade e/ou a espiritualidade, considerando que são vivenciadas frequentemente de maneira integrada, os pesquisadores (Henning-Geronasso & Moré, 2015, Alminhana & Moreira-Almeida, 2009) usam a expressão combinada R/E, significando religiosidade/espiritualidade (ou S/R, spirituality/religiosity, em inglês), referindo-se à dimensão da vida humana que inclui vivências, sentimentos, experiências e crenças relacionadas a ambas as áreas. As pesquisas voltadas especificamente para uma das duas experiências, utilizam o termo específico. Em nosso estudo, usaremos a mesma expressão Religiosidade/Espiritualidade – na sua abreviatura R/E – por considerá-la a mais adequada, mesmo cientes da complexidade de cada um dos termos e das questões epistemológicas envolvidas, por exemplo entre Psicologia da Espiritualidade e Psicologia da Religião (Cunha & Scorsolini-Comin, 2019).

Depois de propor esse caminho conceitual podemos seguir a discutir um percurso de construção da psicologia contemporânea e sua relação com a R/E mapeando os caminhos que alicerçam essa dissertação.

Embora a história dos conhecimentos psicológicos remonte à antiguidade e possa ser discutida como um processo contínuo, a psicologia científica atual tem um marco fundador: a criação, por Wilhelm Wundt, do Laboratório de pesquisa na Universidade de Leipzig, em 1879. A escolha deste marco tem muitos significados, sendo o mais importante para nosso estudo o alinhamento com a ciência moderna. A partir de meados do século XVIII deu-se o movimento de várias ciências que se separaram da filosofia e assumiram estruturas particulares (González Rey, 2013) modelando as ciências na segunda metade do século XIX e início do XX.

A ênfase na pesquisa experimental das funções psíquicas, expressa no trabalho de Wundt, estava associada, também, ao seu interesse no estudo dos processos que não eram suscetíveis de abordagem experimental, evidenciando uma compreensão mais integral da ciência psicológica. Historicamente, entretanto, segundo González Rey (2013), na psicologia norte-americana (que constituía um núcleo mais forte que o europeu), discípulos de Wundt se distanciaram do olhar teórico e filosófico do mestre e construíram uma psicologia cada vez mais empírica e instrumental, o que se relaciona com o crescimento do capitalismo no país e seu interesse na formação de mão de obra capacitada e eficiente. De fato, “Wundt orientou e treinou toda uma geração de psicólogos experimentais das mais diversas nacionalidades, que, de volta aos seus países de origem, procuraram fundar novos laboratórios de psicologia com base no Laboratório de Leipzig” (Araújo, 2009).

Ao longo do século XX a ciência se tornou cada vez mais tecnocrática, fundamentada no sucesso das transformações tecnológicas, expressando-se numa psicologia de “orientação instrumentalista utilitária no desenvolvimento das pesquisas e dos recursos de sua prática profissional” (González Rey, 2013).

Contemporânea à estruturação da psicologia científica foi a construção formal que se consolidou e foi absorvida pela sociedade, pela academia e pelo campo científico, em sua quase

totalidade, nos séculos XIX e XX: a ideia de que Religião e Ciência são campos opostos, em conflito natural e irreconciliável e que a religião institucionalizada sempre se opôs ao progresso científico (Harrison, 2007). Numbers (2009, 2020) considera que existem trabalhos consistentes de historiadores refutando esta ideia, mas os mitos construídos nos séculos anteriores resistem às pesquisas e documentação histórica, sendo o maior deles a própria ideia de que ambas estão em constante conflito. Estes estudos históricos, baseados em fontes primárias e documentos originais, têm revisitado e problematizado esta concepção (Numbers, 2009, 2020; Harrison, 2007), apontando a complexidade das relações culturais nas diversas sociedades e indicando a necessidade de repensar a questão. Contudo, a maioria das pessoas – incluindo cientistas e religiosos – não se dá conta da natureza construída destas relações, o que, segundo Harrison (2007), “sugere uma revisão de algumas abordagens-padrão do tema da ciência e religião”.

Tendo se estabelecido como campo científico neste período, a estruturação posterior da psicologia como profissão, ocorrida ao longo do século XX, também foi afetada e ancorada a esse referencial de ciência. Tal fato não impediu que, desde o seu início, a psicologia tenha estudado o campo R/E (Paulino, 2019). Isto tem sido feito através da Psicologia da Religião (que tem seu foco nos aspectos psicológicos das experiências religiosas), do desenvolvimento, da personalidade e da saúde (Vitorino et al, 2018; Paulino, 2019; Bubols, 2022; Adão & Harrison, 2022), incluindo também a busca de compreensão das experiências anômalas – entendidas como aquelas que são incomuns ou, quando vivenciadas por muitas pessoas, não correspondem ao que é considerado comum ou não se adequam aos modelos explicativos aceitos (Cardeña, Lynn & Krippner, 2013).

A continuidade e ampliação desses estudos, contudo, parece encontrar um obstáculo na concepção de ciência como associada ao materialismo, a uma visão de realidade que se restringe ao mundo físico. Uma discussão complexa, que vários autores realizam em

profundidade (Zilio, 2010; Fodor, 1981), se dá aí, partindo de conceitos de materialismo e fisicalismo. Nesse trabalho, consideramos que existe, por parte dos cientistas em geral – inclusive psicólogos – e da própria sociedade, a concepção de que “o materialismo parece ser o resultado natural e inevitável do avanço das investigações científicas” (Araújo, 2013), o que é contestado, tanto no campo filosófico quanto científico, embora persista no discurso e produção de ciência na contemporaneidade, por exemplo nas neurociências em seu posicionamento da questão mente-cérebro.

Um exemplo bem recente é o lançamento, em 2022, da cartilha “Neuropsicologia: Ciência e Profissão”, pelo Conselho Federal de Psicologia, onde se lê: “Atualmente, a Neuropsicologia tem uma concepção da relação mente-cérebro que é Monista materialista, ou seja, entende que (sic) a mente como produto da atividade cerebral”. (Neuropsicologia: Ciência e Profissão; CFP, 2022). A posição Monista materialista é uma opção filosófica, não define o fazer científico, mas é naturalizada como real e cientificamente embasada.

Na prática, este posicionamento tem excluído a dimensão R/E da formação de psicólogas/os. Para além da percepção de conflito entre ciência e religião, esta exclusão está associada a múltiplos fatores. No caso da psicologia, está em jogo, também, a própria identidade da profissão como pertencente ao campo científico (Daltro & Pondé, 2016). Como decorrência, este conhecimento é muito pouco abordado na formação em psicologia, tanto nos cursos de graduação como nas pós-graduações (Bubols, 2022; Paulino, 2019; Pereira & Hollanda, 2019). Além disso, estudos também mostram (Pereira & Holanda, 2016) uma tendência consistente, desde o início do curso, de desencorajar a abordagem de vivências espirituais, religiosas e experiências anômalas (sejam pessoais ou coletivas) através da psicologia, exceto como fenômenos psicossociais, quadros patológicos ou processos histórico-culturais e, mais recentemente, políticos. O ambiente acadêmico dos cursos de psicologia é percebido por estudantes como adverso à expressão de ideias e vivências R/E,

consequentemente à sua inclusão como objeto de estudo e a uma exclusão das produções existentes, dos grupos de pesquisa e, até mesmo, das orientações do Sistema Conselhos.

Esse processo não se tem limitado, é claro, ao longo da história da psicologia, ao campo da R/E, abrangendo, durante muito tempo, os aspectos sócio-históricos, por exemplo. Contudo, embora, felizmente, nos últimos 20 anos as discussões de caráter identitário étnico-raciais, de gênero e idade tenham tido algum protagonismo e sido abordadas como constitutivas da subjetividade humana, integradas aos processos psicológicos e comportamentais como desenvolvimento, aprendizagem e da saúde mental, as identidades religiosas e vivências espirituais têm sido mais discutidas no campo da política e dos jogos de poder – o que é um avanço importante e uma abordagem necessária – do que como uma dimensão dos modos humanos de vida.

O silenciamento produzido no contexto social contemporâneo sobre as vivências de R/E é um elemento importante para compreender a lacuna na formação e a postura encontrada no mundo acadêmico (Bubols, 2022).

Na prática profissional, psicólogas/os clínicas/os encontram frequentemente a demanda por atendimento a questões relacionadas ou atravessadas pela R/E. Além dos estudos apontarem que a população deseja abordar suas questões religiosas e espirituais com o profissional de saúde, inclusive a/o psicóloga/o, as experiências R/E se apresentam com frequência no contexto clínico (Hathaway et al, 2022).

As/os profissionais atendem a esta demanda a partir da formação geral, das teorias e técnicas específicas que utilizam e de suas vivências e reflexões pessoais, sem os benefícios do conhecimento produzido coletivamente, publicado e discutido por pares, que seria obtido de modo sistematizado na formação (Raddatz & Alminhana, 2019). A produção científica em psicologia, neste campo, tem apontado que incluir R/E na formação qualificaria melhor a

prática clínica de psicólogas/os e permitiria um avanço na compreensão dessa temática que apresenta aspectos interligados, multifacetados e complexos (Bubols, 2022; Paulino, 2019).

As/os profissionais, contudo, alegam com frequência desconhecimento de estudos sobre o tema e proibições legais, o que é significativo, uma vez que o Sistema Conselhos de Psicologia, no Brasil, tem produzido e publicado, através dos anos, documentos importantes para orientar as/os psicólogas/os. Essas publicações, entre as quais destacamos o Código de Ética do Psicólogo (2005) e o documento “Laicidade e Psicologia: posicionamento do Sistema Conselhos de Psicologia para a questão da psicologia, religião e espiritualidade” (2013), envolvem legislação (códigos, resoluções e notas técnicas) e publicações diversas sob a forma de periódicos, cartilhas, relatórios e referências técnicas, até a mais recente sobre prática profissional e laicidade (CFP, 2023). Como é de se esperar, estão longe de esgotar um assunto que é dinâmico e complexo como a própria sociedade que o discute, e mais longe ainda de serem apoiados por toda a categoria, considerados unanimidade ou pretenderem estabelecer normas definitivas. Contudo, estes documentos abordam aspectos relacionados a ética, diversidade, laicidade, políticas públicas, compromisso social e práticas da psicologia, no caso de nosso estudo, na área clínica e no campo da R/E. São excelentes em sua clareza, objetividade e fundamentação, permitindo: estabelecer marcadores legais precisos para a prática; boas referências para a discussão, problematização, produção científica e propostas de revisão; oportunidade de articular a regulação da prática profissional com as questões relevantes da sociedade a quem as/os psicólogas/os devem prestar serviço; e contribuição para uma psicologia sempre mais qualificada, como ciência e como profissão.

As pesquisas bibliográficas foram convergentes com a pesquisa de campo descrita nessa dissertação, que assinala a existência de um desconhecimento deste material, tanto na graduação quanto ao longo da prática profissional. Com frequência, psicólogas/os interpretam o artigo 2, item b, do Código de Ética do Psicólogo (CFP, 2005) como uma proibição à

abordagem da temática no contexto profissional e mostram desconhecimento e falta de problematização das demais produções (Cunha & Scorsolini-Comin, 2019), tais como “Laicidade, Religião, Direitos Humanos e Políticas Públicas “ (CRP-SP, 2016) ou a recente Resolução 07, sobre (CFP, 2023), reafirmando o disposto no Código de Ética sobre laicidade no exercício da psicologia. Esta lacuna de formação e conhecimento compromete o enriquecimento da discussão e construção democrática da psicologia brasileira, além da qualidade do serviço prestado à população.

Nas plataformas de periódicos científicos, a temática R/E, sobretudo relacionada a sua influência na saúde, tem crescimento exponencial a cada ano em múltiplos campos de conhecimento (Monteiro, 2020), o que inclui a psicologia, com especial destaque para suas implicações na saúde mental e nos cuidados relacionados a morte e luto. Entretanto, não foram encontrados suficientes estudos robustos focalizando as vivências clínicas e modos de manejo dessa questão. Essa é a lacuna do conhecimento onde nossa pesquisa se propõe a contribuir, buscando compreender o manejo da R/E na prática clínica de psicólogas/os a partir de suas vivências de formação pessoal e profissional.

Assim, esse estudo buscou compreender o manejo da Religiosidade/Espiritualidade na prática clínica de psicólogas/os a partir de suas vivências de formação pessoal e profissional e os resultados encontrados estão discutidos de forma dinâmica em duas temporadas de Podcast. Com essa estratégia, pudemos compartilhar e simultaneamente intervir socialmente, oferecendo à comunidade de psicólogas/os, estudantes de psicologia, docentes e ao público em geral a possibilidade de refletir sobre a relação, atravessada por elementos diversos, entre a psicologia e o campo R/E.

2 Referencial Teórico

2.1 Psicólogas/os e o Campo da R/E

Dados demográficos recentes demonstram diferenças nos indicadores de R/E entre a população geral e as/os psicólogas/os. Enquanto 93% dos brasileiros declararam ter religião (IBGE, 2010), entre os psicólogas/os, a frequência é de 78,3% (Paulino, 2019), considerando-se também que 85% da população declara que a religião é muito importante em sua vida (Moreira-Almeida & Lucchetti, 2016). Um outro dado relevante é que, entre psicólogas/os a proporção de ateus quase triplica (Paulino, 2019) em relação à população geral. Essas diferenças, encontradas na pesquisa de Paulino (2019), repetem os dados mundiais, mostrando que grupos de profissionais com educação superior apresentam índices menores de religiosidade/espiritualidade que a população, apontando a elevação de escolaridade associada à queda de R/E. Algumas questões têm sido colocadas em relação a estes resultados: como esta diferença interfere nas competências de profissionais de saúde para cuidar de pessoas com sistemas de crenças tão diferentes, que tipo de treinamento precisam ter (Bubols, 2022) para prover um cuidado adequado e como estes índices se relacionam à percepção do lugar da religiosidade/espiritualidade na prática clínica.

A literatura (Paulino, 2019; Bubols, 2022; Raddatz, Mota & Alminhana, 2019; Pereira & Holanda, 2019) apresenta um cenário na relação entre psicólogas/os e o campo da religiosidade/espiritualidade caracterizado por três aspectos: falta de informação, receio de abordar a temática e reconhecimento da existência de demanda, a que buscam atender adaptando os conhecimentos e habilidades gerais obtidos na formação.

A falta de informação se refere basicamente ao desconhecimento da produção científica da área, principalmente os estudos mais recentes quanto ao impacto da R/E na saúde física e mental (Perse et al, 2021), à compreensão das experiências anômalas e consequente habilidade para realizar diagnóstico diferencial entre elas e os transtornos mentais (Bubols, 2022). O nível

de conhecimento é baseado em teorias e discursos produzidos no século XX, que patologizam as experiências espirituais e a própria R/E ou as consideram apenas em suas determinantes sociais e históricas (Cunha & Scorsolini-Comin, 2019; Bubols, 2019), tendendo a descartar abordagens teóricas que incluem a dimensão espiritual como um aspecto saudável da subjetividade humana, tais como a Psicologia Analítica de C. G. Jung (Nascimento e Caldas, 2020), a Logoterapia, de V. Frankl (De Aquino & Cristino, 2023), além dos estudos pioneiros, como os de Gordon Allport e William James (Toniol, 2019; Rodrigues, 2023).

O receio de abordar a temática pode ser mesclado ao desconhecimento das regulações, uma vez que parece decorrer da falta de conhecimento, inicialmente durante a graduação, que se estende nas pós-graduações e formações realizadas. É comum o relato de que não podem trabalhar com R/E porque o Código de Ética proíbe, ou que tal prática fere a laicidade, demonstrando desconhecimento das publicações ou uma interpretação superficial, talvez por não estar amparada em informação atualizada.

A desinformação quanto às regulações profissionais, elaboradas pelo Sistema Conselhos de Psicologia sob a forma de Notas Técnicas, Resoluções e Publicações é referida pelas/os psicólogas/os estudadas/os ao relatarem que não existe orientação do Conselho ou que resoluções existentes proíbem a abordagem de R/E (Paulino, 2019) ou ainda quando demonstram desconhecer a produção de artigos realizando a discussão da R/E na psicologia.

Apesar disso, os estudos (Paulino, 2019; Bubols, 2020; Cunha & Scorsolini-Comin, 2019) mostram que psicólogas/os reconhecem a existência de demanda para a abordagem da R/E na prática clínica, que essas demandas são espontaneamente trazidas pelas pessoas atendidas e que as/os profissionais buscam atendê-las, sentindo-se inseguras/os pela falta de formação específica, mas buscando nas abordagens que utilizam a compreensão, as técnicas e adaptações necessárias, com base na escuta clínica.

A partir deste cenário, identificamos o conhecimento disponível no campo da produção científica e das regulações profissionais.

2.2 Estudos Relacionados À Temática

São relevantes os estudos iniciais produzidos por Allport e James, já referidos, bem como um número crescente de estudos que têm produzido, nas últimas décadas, evidências do impacto da R/E sobre a saúde física e, sobretudo, mental (Cunha & Scorsolini-Comin, 2019; Braam & Koenig, 2019; Vitorino, Lucchetti, Leão, Vallada & Peres, 2018). Eventos científicos têm sido regularmente realizados visando a divulgação desses estudos, como o Simpósio Internacional de Psicologia & Senso Religioso, com mais de 12 edições, organizado pelo Grupo de Trabalho Psicologia & Religião, da ANPEPP (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia) e o CONUPES – Congresso Internacional de Saúde e Espiritualidade – organizado pelo Núcleo de Pesquisa em Espiritualidade e Saúde – NUPES – da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) (Paulino, 2019).

Os eventos referidos, entre outros, divulgam a produção científica mais recente, contribuem para a qualificação dos participantes e estimulam a realização de novas pesquisas. Núcleos e redes de pesquisa, produção e divulgação de conhecimentos em R/E são iniciativas que contribuem para uma melhor qualidade de informação e estimulam o conhecimento científico de qualidade para a população, como observamos na publicação da “Cartilha Virtual Psicologia e Religião: histórico, subjetividade, saúde mental, manejo, ética profissional e direitos humanos”, pela Inter Psi – Laboratório de Psicologia Anomalística e Processos Psicossociais, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. A Rede Universitária de Pesquisas em Espiritualidade – REUPE – constitui um projeto de extensão registrado na UFBA. Funciona virtualmente, na perspectiva de fomentar produções na área e agrega pesquisadores de universidades e instituições públicas e privadas com interesse na pesquisa em Espiritualidade. Desde 2016 a rede tem participado dos Congressos UFBA em todas as suas

edições, organizando mesas temáticas com convidados reconhecidos nacional e internacionalmente na pesquisa em Espiritualidade. Estas mesas têm despertado o amplo interesse por parte da comunidade acadêmica e principalmente do público externo à universidade.

Podemos considerar a ciência como uma prática muito antiga, existente desde que o ser humano se debruçou sobre a realidade para compreendê-la formalmente e utilizar esta compreensão no contexto social. Contudo, uma historiografia cuidadosa e recente (Garros, 2016; Numbers, 2020) dá conta de que o conceito de ciência não permaneceu o mesmo através dos tempos, tampouco o de religião. Até o século XVIII, os estudiosos da natureza designavam a si mesmos como fazendo “História Natural” ou, mais tradicionalmente, “Filosofia Natural”, desconhecendo a categoria “cientista” na acepção em que é utilizada hoje (Harrison, 2007). A partir do século XIX, fundamentado nas ideias positivistas, surge a concepção contemporânea de ciência, atravessada por complexidades relativas a objeto, método etc., mas caracterizada por elementos gerais que se tornaram um consenso, tais como: prática não-pessoal, objeto claramente enunciado, método descrito explicitamente, articulação com o conhecimento construído anteriormente e avaliado por pares. Uma prática realizada e validade coletivamente, que se tornou hegemônica nas sociedades ocidentais a partir do século XX (Minayo, 2016).

Esta concepção de ciência estabelece também que é preciso tratar especificamente de fatos, fenômenos e experiências consideradas reais, no sentido de que, consensualmente, sejam percebidas como existentes, em oposição a pensamentos, ideias e experiências que não existem, ou existem somente a partir de crenças individuais ou grupais, mas não universais (Minayo, 2016). Isso remete à discussão filosófica da construção da realidade como conceito e da apropriação desse conceito pelas diversas áreas do fazer e do viver humanos, que não faremos aqui.

Ambos os aspectos, só ao serem enunciados, apresentam problemas de aplicação e geram controvérsias, entre as quais vale ressaltar a aparente oposição entre as ciências humanas e sociais e as ciências físicas e biológicas, base da questão fundamental do caráter científico das ciências sociais. As primeiras, as humanas ou sociais, trabalhando com a subjetividade, com interações, com processos sociais, são muitas vezes consideradas pelos pesquisadores das segundas, as físicas e biológicas, como incapazes de atender a critérios aceitáveis de objetividade, a menos que possam ser levadas ao campo biológico e transformadas em dados deste campo e só assim terem acesso ao status de realidade (Minayo, 2016). O status de objeto válido da ciência tem sido concedido, basicamente, a fenômenos, experiências e objetos de estudo relacionados ao mundo físico, perceptíveis e mensuráveis sensorialmente, atendendo a critérios denominados “fiscalistas” (Zilio, 2010), definição mais operacional e recente, ou “materialistas” – no sentido filosófico do termo, sendo os demais fenômenos excluídos do campo científico. Esta concepção é prevalente na ciência atual e na sociedade. Os fenômenos espirituais e/ou religiosos ainda necessitam ser considerados reais e, a seguir, são estudados através dos impactos e expressões que apresentem no campo físico, emocional, cognitivo ou social (Bubols, 2022).

As ciências humanas e sociais, frente a estas questões, já no final do século XIX construíram modelos teóricos e metodológicos consistentes para sustentar os critérios do fazer científico no seu campo. Esses modelos, contudo, mantêm a lógica dicotômica e assumem o referencial materialista e fiscalista da ciência (CFP, 2022) como característica inerente à realidade, ao evitar o estudo (Bubols, 2022) de qualquer fenômeno que seja considerado do campo espiritual e trabalhar as experiências religiosas exclusivamente como expressões socioculturais ou como elementos psíquicos que, tal como os demais, são estudados como mais um aspecto da estrutura psicológica ou do comportamento e não como um campo experiencial real, equivalente ao físico, ao emocional e ao social..

No fazer científico e acadêmico, produz-se e se aprofunda a percepção de campos em conflito, levando à concepção, prevalente na sociedade em geral e nos meios acadêmicos em particular, de que pensar cientificamente e pensar religiosa ou espiritualmente representam contradições irreconciliáveis e não apenas modos de produção do conhecimento diversos, utilizando perspectivas e paradigmas diferentes.

No enfrentamento da diversidade conceitual da psicologia, relacionada a variações na escolha de objeto de estudo, modelos, métodos e teorias, com frequência parecendo, segundo Montgomery (2020), uma disciplina fragmentada e desorganizada, mas não confusa, a psicologia se produz como uma ciência multiparadigmática, buscando o diálogo entre as variadas concepções, desde as experimentais-correlacionais às fenomenológico-compreensivas, de modo a abranger, de várias perspectivas, a complexidade do campo (Montgomery, 2020). Como exemplo, o estudo da consciência, objeto de muito interesse na psicologia do século XIX e início do XX, foi, aos poucos, posto de lado, considerado inacessível à abordagem científica, exceto no campo da psicopatologia. A partir da década de 60 do século XX, o movimento transpessoal retoma o estudo da consciência saudável, com pesquisas e publicações teóricas (Grof, 2019), embora se mantenha fora do “*mainstream*” das teorias psicológicas, sendo pouco discutido no âmbito, por exemplo, da formação de psicólogas/os gerando o que pode ser considerado uma lacuna na formação, dependendo da posição paradigmática em que se coloque, mas que impacta a relação com o estudo e manejo da religiosidade/espiritualidade.

2.3 Regulações Profissionais

Segundo Freitas e Piasson (2016), no campo da psicologia verifica-se um crescente interesse pela R/E, com um aumento na publicação, tanto de artigos científicos quanto de documentos do Sistema Conselhos, evidenciando que a temática deixa de ser marginal, anticientífica e desvalorizada e passa a ser considerada relevante. Contudo, ainda em 2019,

Pedrita Paulino conduziu o estudo mais abrangente até então, traçando o perfil das/os psicólogas/os no Brasil identificando crenças, afiliações religiosas, significado da religiosidade/espiritualidade na vida pessoal e na prática profissional, principalmente clínica, concepções sobre a relação entre religiosidade/espiritualidade e psicologia, desafios e preocupações com relação à laicidade, fazer científico e regulação profissional e vários outros aspectos. (Paulino, 2019). Neste estudo persiste entre as/os psicólogas/os a percepção de incompatibilidade entre ciência e R/E, o que já era evidenciado por Pereira e Holanda (2016) através de um estudo quantitativo e qualitativo com 60 estudantes de psicologia que mostrou a relação entre psicologia e religião como difícil de conciliar do ponto de vista teórico e metodológico e o ambiente acadêmico como sem abertura, produzindo vivências de conflito, inclusive com professores e colegas. As raízes da continuidade destas percepções parecem estar na ideia, anteriormente discutida, de ciência e religião como campos duais e antagônicos. A atuação profissional de psicólogas/os é afetada por estas representações, com seus mitos e naturalizações, limitando o manejo das questões trazidas à prática clínica, tornando difícil conhecer, compreender e incluir adequadamente a produção científica sobre o tema (Paulino, 2019; Bubols, 2022).

O desconhecimento de psicólogas/os do campo da R/E, referenciado em vários estudos (Bubols, 2022; Paulino, 2019; Cunha & Scorsolini-Comin, 2019) se estende às publicações, resoluções e notas técnicas do Sistema Conselhos de Psicologia. Em vários estudos (Brandão e Fonseca, 2023; Cunha & Scorsolini-Comin, 2019) psicólogas/os referem que não existem ou não conhecem orientações do Sistema Conselhos a respeito da R/E. Nota-se a tendência de interpretar o art. 2, item b, do Código de Ética do Psicólogo como uma proibição a que seja abordada R/E na prática profissional, quando o que é vedado é “Induzir a convicções políticas, filosóficas, morais, ideológicas, religiosas de orientação sexual ou qualquer tipo de preconceito, quando do exercício de suas funções profissionais” (CFP, 2005). Do mesmo

modo, relatam problemas na compreensão sobre a laicidade da profissão, apesar de que, no “Posicionamento do Sistema Conselhos de Psicologia para a questão da psicologia, religião e espiritualidade” resultado do trabalho do GT Nacional sobre o tema, o item VII diz claramente “Mas pautar-se na obrigatória laicidade não implica negar a interface que pode ser estabelecida pela psicologia e a religião, e pela psicologia e a espiritualidade” (CFP, 2013). Além destas, há várias publicações relevantes, tais como: a Coleção Psicologia, Laicidade e as Relações com a Religião e a Espiritualidade, em 3 volumes, lançada pelo CRP-SP, que faz uma abordagem crítica, profunda e atualizada do tema, ressaltando sua complexidade;

2.4 Silenciamentos

Para compreender os relatos recorrentes de desconhecimento de publicações profissionais relevantes, bem como da qualificação profissional para uma área bastante estudada, recorreremos, nesta pesquisa, à ideia de que existe um silenciamento sistemático da R/E no mundo acadêmico (Araújo, 2020) e nos cursos de psicologia buscando um referencial teórico elaborado para a abordagem de preconceitos raciais e que se mostrou eficaz, sendo expandido para a compreensão em situações envolvendo gênero, orientação sexual e religião.

Microagressões ocorrem em processos de interação presentes em situações de preconceito e são formas de desqualificação de pessoas e grupos, sempre sutis e com frequência involuntárias ou inconscientes. Seu conteúdo hostil, humilhante, ofensivo e discriminatório produz efeitos dolorosos sobre os que as recebem e poderosos ao afetá-los, ainda que nem sempre sejam intencionais ou percebidos pelos autores (Araújo, 2020; Sue, Capodilupo e Holder, 2008). O conceito foi elaborado pelo Dr. Chester Pierce, aplicado inicialmente ao estudo do racismo contra negros nos Estados Unidos, revelando-se muito útil à pesquisa por permitir uma análise explícita e detalhada do processo de agressão racial e seus efeitos. São identificados três tipos principais de microagressões: os microataques, são as formas mais claras e intencionais, que se caracterizam pela diminuição explícita da pessoa, implicando em

ações comportamentais ou verbais, que têm o objetivo de feri-la; os microinsultos, geralmente inconscientes, expressam-se como comportamento (verbal ou físico) grosseiro e insensível, que rebaixa a pessoa, com frequência considerado uma piada ou gracejo inofensivo; e as microinvalidações, também habitualmente inconscientes, que desconsideram sentimentos e relatos da pessoa-alvo, atribuindo-os sistematicamente a exageros, distorções ou equívocos e propondo outras explicações que excluem a agressão (Sue, Cappodilupo & Holder, 2008). Em todos os casos, a palavra “micro” se refere à sutileza dos eventos, de modo algum ao grau de sofrimento ou dano que provoca.

Tendo se revelado uma boa ferramenta na pesquisa do racismo (seu foco inicial) e suas consequências (Sue, Capodilupo & Holder, 2008), gradualmente esta teoria passou a ser utilizada em outras formas de preconceito, exclusão e violência, envolvendo etnia, gênero, orientação sexual (Fattoracci, Revels-Macalinao & Huynh 2021; Nadal et al, 2016) e minorias religiosas (Husain & Howard, 2020). Mais recentemente, publicações trabalham com o conceito de microintervenção, de modo a operacionalizar ações que permitam superar os preconceitos, preservar os alvos e mobilizar a sociedade no sentido de mudanças (Sue et al, 2019).

O silêncio e o não-dito em relação ao conhecimento e utilização da R/E na prática clínica de psicólogas/os, são apontados em vários estudos como relacionados à quase total ausência do tema nos cursos de graduação e pós-graduação no Brasil (Cunha et al, 2020; Paulino, 2019; Cunha & Scorsolini-Comin, 2019). Esse silenciamento se expressa, para além do currículo em si, nos vários relatos de experiências difíceis e marcantes, apresentados em vários estudos (Pereira & Holanda, 2019). Encontramos situações nas quais a expressão de ideias, crenças ou vivências no campo da R/E foi recebida, explícita ou implicitamente, como censurável e inadequada, gerando sentimentos de desrespeito ou desqualificação. Tais experiências produzem comportamentos de defesa por parte daqueles que as vivem. Um dos

comportamentos mais relatados consiste em não comentar, não falar sobre o assunto, silenciar. Há percepções de interdição, como se o assunto R/E não devesse ser tratado no contexto acadêmico, ou por uma/um psicóloga/o ou ainda menos em situações profissionais, justificado pelo fato de ser a psicologia uma ciência, portanto uma racionalidade mais sofisticada e complexa, que pode ficar comprometida se de algum modo relacionada à racionalidade e às crenças R/E (Pereira e Holanda, 2016).

As vivências de microagressões e o decorrente silenciamento, embora se deem entre pessoas de religiões diversas, apresentam diferenças para as crenças e práticas de matriz africana e aquelas que integram vivências mediúnicas, (Alkimin, 2022, Karrer, 2020) em relação às religiões cristãs. Mesmo os instrumentos de avaliação de R/E, tanto os de uso clínico quanto os de pesquisa, têm sido revistos por pesquisadores, buscando vencer a tendência a usar expressões em relação a religião, ao sagrado, à transcendência etc., modeladas a partir de concepções cristãs, não se aplicando a outras matrizes.

É necessário considerar os muitos elementos a partir dos quais podemos discutir de que formas o silenciamento da R/E, como vivência humana válida, atravessa o fazer profissional de psicólogas/os, entre eles o conceito e alcance da ciência, as questões de método, a complexidade do objeto de estudo da própria psicologia, as associações entre objetividade, neutralidade e ética, além da própria vivência de colonialidade, inerente aos processos históricos num país como o Brasil, impregnando literalmente todas as esferas da nossa vida pessoal e social.

Há ainda um elemento, especificamente relacionado à prática clínica, que é preciso considerar, ou seja, o processo de manejar a R/E, sem ter uma formação ou treinamento adequado, atravessada/o pelo silenciamento. Esse manejo exige da/o psicóloga/o uma elaboração, reflexão e adaptação das ferramentas utilizadas no atendimento para adequá-las a questões específicas de religiosidade/espiritualidade. Por desconhecimento, acabam por criar

modos de trabalho quando na verdade já existem técnicas, escalas, questionários e protocolos de abordagem construídos com o método científico e publicados.

Para investigar essa interface, elegemos a prática clínica e seus modos de lidar com a questão da R/E. Consideramos que a escuta dos psicólogos/os quanto à forma como lidam com a R/E nas suas escolhas teóricas e metodológicas, na forma como escutam os conteúdos trazidos pelas pessoas que atendem e, sobretudo, nas suas práticas clínicas, é necessária para a compreensão da temática e contribui para o enfrentamento dos desafios que o contexto contemporâneo apresenta. Este estudo objetivou compreender como as/os psicólogos/os manejam a dimensão da religiosidade e espiritualidade na sua prática clínica, discutindo suas narrativas e os sentidos que emergem dessas narrativas.

3 Objetivos

3.1 Objetivo Primário

Compreender o manejo da Religiosidade/Espiritualidade na prática clínica de psicólogas/os a partir de suas vivências de formação pessoal e profissional.

3.2 Objetivo Secundário

Difundir o conhecimento científico sobre a R/E no diálogo com a psicologia na contemporaneidade.

4 Percurso Metodológico

Essa dissertação profissional tem natureza híbrida, uma vez que desenvolvemos uma pesquisa de campo junto a psicólogas/os clínicas/os, a partir da qual propusemos e desenvolvemos um produto técnico de natureza didático-informativa. Estes dois elementos, resultantes do conjunto da experiência, dada a natureza e objetivos distintos, são apresentados a partir do que nomeamos como dois cenários, onde as metodologias são setorialmente descritas.

O primeiro cenário é a pesquisa de campo, em que foi realizado um estudo exploratório descritivo de natureza qualitativa, com psicólogas/os clínicas/os.

O segundo cenário é o desenvolvimento de um produto de difusão de conhecimento, sobre “Religiosidade e Espiritualidade no diálogo com a Psicologia na contemporaneidade”. Realizado sob a forma de uma série de *podcasts*, foi destinado ao público em geral, especialmente psicólogas/os e estudantes de psicologia.

4.1 Cenário 1 – Pesquisa de Campo

4.1.1 Desenho de Estudo

Trata-se de um estudo descritivo de abordagem qualitativa. Essa modalidade de pesquisa dá protagonismo às relações entre o mundo e o sujeito considerando a compreensão sobre os significados relacionados ao tema em estudo. Trabalha com o universo de significados, crenças, motivos, aspirações, valores e fenômenos complexos como é o caso da dimensão Religiosidade e Espiritualidade. (Borges de Paiva, Saramago de Oliveira & Hillesheim, 2021).

4.1.2 Participantes

Os critérios de inclusão foram: ser psicóloga/o, com registro ativo no Conselho Federal de Psicologia, prática clínica de no mínimo cinco anos e ter interesse pelo tema. A interrupção da prática clínica nos últimos dois anos e a eventualidade de não se apresentarem lúcidos e orientados na ocasião da coleta foram definidos como critérios de exclusão. O grupo foi formado usando a técnica da Bola de Neve, na qual a/o primeira/o psicóloga/o foi escolhida/o por conveniência e solicitada/o a indicar outra/o participante e assim sucessivamente (Bockorni & Gomes, 2021). Chegamos a entrar em contato com catorze pessoas, mas cinco não participaram do estudo por motivos diversos, totalizando um grupo de nove psicólogas/os.

Após o contato inicial com cada participante, enviamos o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) que foi assinado e devolvido. Esse processo foi realizado por meio eletrônico, uma vez que a coleta foi realizada em setembro de 2021, ainda dentro das restrições ao contato social determinadas pelo enfrentamento à pandemia de COVID-19. Também por meio eletrônico foi enviado a cada participante um questionário, visando identificar as características do grupo e o grau de diversidade existente, em relação a tempo de prática clínica, abordagem utilizada e contexto de atuação, permitindo que a pesquisa incluísse narrativas a partir de diferentes lugares da experiência profissional. Esse questionário tinha perguntas sobre dados pessoais (nome completo, idade, gênero, cor autodeclarada, se tem religião e qual), processo formativo (ano e instituição de graduação, se tem pós-graduações completas, qual/is, em que instituição e ano de conclusão, se foi feita na modalidade de residência, se fez formação, em qual abordagem, em que instituição e ano de conclusão) e a experiência clínica (tempo de atuação, abordagem/ns com que trabalha, contextos em que atua: consultório ou hospital privado ou público, CAPS, NASF, UBS, ONG, ou outros). Foi então combinada a data e horário para realização da Roda de Conversa, método escolhido para coleta dos dados do estudo, realizada através de teleconferência em sala privativa da Plataforma

Zoom, integrada ao Ambiente Virtual de Aprendizagem da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública.

4.1.3 Coleta de Dados

A Roda de Conversa existe na vida tribal há milênios como uma experiência humana de partilha. Mais recentemente, foi associada à educação em saúde e, em sala de aula, na prática de educadores interessados no modelo de trabalho de Paulo Freire. Seu potencial na educação popular a inseriu nas intervenções da Atenção Primária à Saúde. Embora só recentemente utilizada no campo da pesquisa científica, está perfeitamente descrita e estabelecida como metodologia de pesquisa. (Moura & Lima, 2014). É um contexto versátil, podendo ser utilizado como um espaço de formação, troca de experiências, e confraternização. Instrumento muito potente, não apenas permite expressar as opiniões, como intensifica as mobilizações trazidas pelo tema, facilita o diálogo e ativa a dinâmica interativa, favorecendo identificações, diálogos e confrontos, a partir de cujas trocas é possível produzir conteúdo relevante (Lisboa, 2020). Usada como instrumento de coleta de dados, a Roda de Conversa é adequada às pesquisas narrativas, que objetivam a compreensão do sentido que o grupo social oferece ao fenômeno estudado. As narrativas dos participantes são construídas a partir da interação no grupo que se coloca como matéria-prima para avaliar, discutir e identificar suas ideias, conceitos, sentimentos, percepções e atitudes sobre o tema (Moura & Lima, 2014).

Neste estudo, ressaltamos que as características da Roda de Conversa relacionadas à construção dos sentidos envolvidos, a partir das reflexões e interações produzidas, dialoga muito bem com um programa interessado em desenvolver produtos que se tornem veículos de devolução à sociedade dos elementos da pesquisa. Assim sendo, a metodologia escolhida nos permitiu não apenas obter as informações oriundas das interações no grupo, visando a produção científica, como também facilitou aos participantes um momento de discussão com colegas,

sobre um tema muito silenciado, que se relacionou com a construção pessoal e profissional e nos indicou caminhos de intervenção com o público estudado.

Realizada em um encontro de duas horas, a reunião assegurou o sigilo e a privacidade das/os participantes. Estiveram presentes a pesquisadora e três colegas do grupo de pesquisa, com o objetivo de observar e registrar a reunião, que foi gravada para transcrição posterior. A pesquisadora fez o acolhimento às/aos participantes, solicitando que se apresentassem. Após isso, leu integralmente o TCLE e solicitou que cada uma/um manifestasse seu consentimento, o que foi feito. Como intervenção disparadora inicial foi solicitado que se apresentassem a partir de seu lugar de psicóloga/o clínica/o, quem são, o que fazem. A partir daí algumas outras intervenções foram feitas, sempre de acordo com o movimento do grupo e em alinhamento com os objetivos da pesquisa, apenas para estimular que outras/os participantes prosseguissem numa fala abordada por algum/a participante.

O conteúdo da gravação foi transcrito e as/os participantes desidentificadas/os, sendo substituídos os seus nomes por personagens ligadas a contextos religiosos diversos. Foram utilizados Durga, Ganesha, Jesus, Mercúrio, Omolu, Oxumaré, Oyá, Perséfone e Vishnu e a atribuição dos pseudônimos foi totalmente aleatória, não guardando relação com o gênero ou outras características pessoais ou profissionais da/o participante.

4.1.4 Aspectos Éticos, Riscos E Benefícios

Este estudo faz parte de um projeto mais amplo, “Lógicas Religiosas e Espirituais em Contexto de Formação e Práticas em Saúde”, As normas e princípios éticos seguidos obedecem às Resoluções 466/12 e 510/16, do Conselho Nacional de Saúde. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa Humana da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, CAEE nº 36408720.2.0000.5544.

Em função da temática do estudo e do caráter reflexivo das perguntas e temática do estudo, incluiu-se a possibilidade de que os participantes pudessem sentir algum tipo de desconforto, constrangimento ou mobilização psíquica. Nesse caso, a entrevista e/ou a Roda de Conversa seriam imediatamente interrompidas e prestado apoio a todos que fossem afetados. Caso qualquer participante da pesquisa necessitasse, poderia ser atendido pela pesquisadora Nádia Maurícia de Moraes Matos, psicóloga CRP03/0436 nas dependências de seu consultório particular ou por via eletrônica, através de plataforma segura, para acolhimento e/ou encaminhamento especializado, conforme indicado na situação apresentada. Contudo, tanto ao longo da Roda de Conversa, como nos dias posteriores, nenhum dos participantes manifestou qualquer desconforto ou solicitou assistência. Ao encerrar-se a Roda, todos agradeceram e a maioria declarou-se muito satisfeita pela oportunidade de abordar a temática.

Considera-se que, ao participar da pesquisa, as/os psicólogas/os foram beneficiadas/os em pelo menos dois níveis: primeiro como profissionais, em sua própria prática, por terem a oportunidade de discutir com colegas de diversas abordagens a temática da religiosidade/espiritualidade, enriquecendo assim a sua atuação clínica; por terem acesso às informações resultantes da pesquisa através de devolutiva individual e/ou coletiva, que a pesquisadora se comprometeu a realizar com todos os que desejassem; também por terem acesso aos produtos técnicos resultantes. Depois como membros da categoria profissional de psicologia por terem a oportunidade de contribuir, através de sua participação, para o avanço do campo e para a melhoria da qualidade das práticas profissionais na clínica psicológica, ambos resultados esperados do fazer científico.

4.1.5 Plano de Análise

O plano de análise do conteúdo buscou interpretar de modo mais profundo as falas, identificando os núcleos de sentido através da técnica da análise temática, utilizando a perspectiva proposta por Minayo. (Minayo, Deslandes & Gomes, 2016).

Seguindo as etapas geralmente apresentadas nas obras que tratam de análise de conteúdo, (Abad e Abad, 2022; Minayo, Deslandes & Gomes, 2016) nosso primeiro procedimento foi a pré-análise. Lemos todo o material transcrito, inclusive os registros de observação das interações e as informações da equipe de pesquisa participante. Essa leitura inicial buscou uma visão geral das narrativas que apareceram na Roda. Com ela, pudemos ter uma percepção dos diálogos e reflexões presentes, através de uma visão de conjunto da produção grupal. Ao lado disso identificamos elementos que chamavam a atenção, seja por se repetirem, seja por serem abordados de forma específica, diferenças e semelhanças entre as falas. Já aí na pré-análise emergiram alguns pressupostos iniciais, a partir dos quais escolhemos algumas formas de classificação, chegando a definir marcos teóricos que usamos para orientar a análise.

O procedimento seguinte foi a exploração do material. Nessa etapa, lançamos um olhar mais detalhado, distribuindo as narrativas de acordo com a classificação inicial, dialogando com elas. Também buscamos inferir os núcleos de sentido e dialogar com eles, relacionando-os aos pressupostos iniciais. Analisamos, então, esses núcleos buscando eixos e temáticas com os quais pudéssemos fazer uma discussão mais ampliada, reagrupando as partes por temas. Finalizamos esta etapa usando os temas para relacionar os elementos trabalhados, tanto em relação aos sentidos das falas quanto ao referencial teórico usado na análise.

O procedimento final foi o que Gomes (2016) descreve como “uma síntese interpretativa através de uma redação” capaz de dar conta de um diálogo de integração dos temas com os elementos principais da pesquisa, como objetivos, questões e pressupostos.

4.2 Cenário 2 – Podcast: Difusão do Conhecimento Sobre R/E

A partir dos resultados apresentados na Roda de Conversa iniciamos a definição dos produtos técnicos mais adequados, concluindo que, em vista da lacuna de informação científica atualizada e de qualidade entre as/os psicólogas/os, já antecipada pela revisão da literatura, o

formato de podcasts seria bastante adequado. Este formato permite uma difusão fácil e acessível do conteúdo, dando lugar a abordagens objetivas de temas complexos e permitindo escolher os ângulos de discussão e informação. (Dantas & Deccache-Maia, 2022; Martin, Vilas Boas, Arruda & Passos, 2020).

Estabelecemos como objetivo compartilhar informações científicas sobre aspectos relevantes da R/E no diálogo com a psicologia na contemporaneidade e público-alvo psicólogas/os, estudantes de psicologia e demais pessoas com interesse no tema.

4.2.1 Construção do Produto

A metodologia de construção consistiu em identificar conteúdos relevantes para o objetivo e agrupá-los. Foram planejadas duas temporadas, cada uma com 9 episódios. A primeira temporada, abordando questões básicas da interação R/E-Psicologia chamou-se “Religião e espiritualidade: há lugar para elas no cuidado psicológico?” e a segunda, focalizando a relação com o campo da saúde em geral, “Religião e espiritualidade: há lugar para elas no campo da saúde?”.

Uma parte dos episódios foi gravada pela própria pesquisadora, tendo como base o estudo realizado. Para os demais, foram convidadas psicólogas que se relacionassem com o tema, seja pelo seu lugar de fala, pelos estudos, pesquisas e/ou práticas profissionais e vivências relevantes. Construímos as apresentações buscando contemplar uma diversidade de perspectivas e, mesmo sem intencionar uma abordagem completa dos temas, trazer ângulos inovadores, informativos e/ou mobilizadores do interesse do público. As gravações foram feitas pelos próprios apresentadores e enviadas à pesquisadora por e-mail. Em seguida, foram preparadas com inserção da vinheta e apresentação, formatadas e finalizadas tecnicamente para publicação. No anexo D apresentamos a composição da primeira temporada, que já se encontra disponível no podcast “Psicologia e Intervenções em Saúde”, da Escola Bahiana de Medicina

e Saúde Pública, no “Spotify”. O endereço de acesso é:

<<https://open.spotify.com/show/2wbfcFYINbXweJoO2icDkz>>.

5 Resultados E Discussão

5.1 Cenário 1 – Pesquisa de Campo

A análise do conteúdo obtido na Roda de Conversa permitiu utilizar as vivências de formação pessoal e profissional das/os participantes para compreender o seu manejo da R/E na prática clínica. Os resultados produzidos serão apresentados e discutidos a partir da etapa preliminar de formação do grupo, da configuração final do grupo e das categorias analíticas identificadas a partir das narrativas, que foram: 1) Experiências e construções pessoais 2) Conflitos e silenciamento social 3) Espiritualidade na prática clínica.

5.1.1 Etapa Preliminar – Formação do Grupo

Um primeiro ângulo de interesse é a atitude das/os psicólogas/os convidadas/os para participar do estudo. Na fase de formação do grupo, fizemos contato com 15 profissionais, através da técnica “Bola de Neve”. Em muitos desses contatos, realizados por mensagem de WhatsApp seguida de ligação telefônica, observamos certa mobilização, com demonstrações de surpresa, expressões de alívio ao ver o tema sendo tratado na academia, ou impacto e receio.

Várias/os convidadas/os declinaram o convite, informando problemas de agenda, compromissos etc., mas algumas/ns dessas/es expressaram receio de falar sobre o tema, preocupações com sanções profissionais, risco de tratar de um assunto profissionalmente referido como perigoso.

Embora estes elementos não tenham sido, tecnicamente, objeto de análise de conteúdo, incluímos esta discussão da etapa preliminar por considerar que as diversas reações do grupo se constituem num elemento de interesse para nossa pesquisa, tanto por repercutirem a literatura quanto por anteciparem uma das categorias de análise identificadas, “conflitos e silenciamento social”. Muitos estudos trazem falas equivalentes de psicólogas/os considerando que o código de ética proíbe a abordagem de R/E, receando sanções do sistema conselhos por

abordarem o tema e relatando a desinformação na área, que caracteriza a formação profissional (Paulino, 2019; Raddatz, Mota & Alminhana, 2019; Pereira & Holanda, 2016). No estudo de Paulino (2019) aparecem, ainda, os receios de psicólogas/os de que se abordarem o tema R/E na clínica, poderão: ofender os pacientes, ser desaprovados pelos colegas, ou ser antiéticos e se comprometer perante o Conselho de Psicologia.

Destacamos um conteúdo que se repete depois nas falas da Roda e é referido por várias pessoas no grupo: na experiência de fazer circular a discussão sobre a religiosidade, ergue-se, metaforicamente falando, uma parede, que muda as pessoas de posição; os diálogos são travados, a fluidez é interdita, produz-se um receio e ali se coloca um campo de perigo: é perigoso, demanda cautela!

5.1.2 Configuração Final do Grupo

A configuração final do grupo foi elaborada a partir do questionário eletrônico, respondido pelas/os participantes antes da Roda de Conversa. Conquanto nosso desenho de estudo não proponha a análise quantitativa de dados, consideramos importante discutir este perfil e apontar correspondências com a literatura. Buscamos explicitar as características principais de cada uma/um das/os 9 participantes e, assim, permitir a melhor compreensão do grupo e das narrativas trabalhadas. Elementos que poderiam identificar a/o participante, tais como gênero, instituição formadora e outras, foram omitidas, sem prejuízo da caracterização, na síntese a seguir, listada em ordem alfabética.

- **Durga:** 34 anos, cor branca, religião Católica, não informa sobre práticas espirituais regulares. *Processo formativo:* graduação em psicologia há 12 anos em universidade privada; formação em Assistência da Psicologia Perinatal; especialização em Psicologia Hospitalar há 10 anos; mestrado há 9 anos; doutorado há 5 anos, em Família na

Sociedade Contemporânea. *Experiência clínica*: há 11 anos, utilizando o psicodrama; contextos de atuação: hospital público e clínica privada.

- **Ganeshha**: 45 anos, cor branca, sem religião, informa ser espiritualista e realiza práticas espirituais regulares. *Processo formativo*: graduação em psicologia há 9 anos em universidade privada; especialização em Terapia Cognitivo-comportamental e Psicopedagogia. *Experiência clínica*: há 9 anos, utilizando a Terapia Cognitivo-comportamental; contextos de atuação: consultório privado, clínica privada e hospital privado.
- **Jesus**: 41 anos, cor branca, religião Protestante Renovada e realiza práticas espirituais regulares. *Processo formativo*: graduação em psicologia há 17 anos em universidade privada; formação em Análise do Comportamento; mestrado em Psicologia Social. *Experiência clínica*: há 14 anos, utilizando a Terapia Comportamental – modelo clínico específico; contextos de atuação: clínica privada e supervisão clínica.
- **Mercúrio**: 34 anos, cor branca, religião Católica e realiza práticas espirituais regulares. *Processo formativo*: graduação em psicologia há 9 anos em universidade privada; especialização em Avaliação Psicológica há 2 anos. *Experiência clínica*: há 10 anos; contextos de atuação: ambulatório público e ONG.
- **Omolu**: 63 anos, cor morena, sem religião, informa que tem religiosidade e realiza práticas espirituais regulares. *Processo formativo*: graduação em psicologia há 38 anos em universidade pública; formação em novas técnicas psicoterápicas há 37 anos, ao longo dos quais vem continuamente atualizando e construindo o modo de trabalho clínico que utiliza. *Experiência clínica*: há 39 anos, utilizando abordagens Neo-teichianas, psicanalíticas e fenomenológicas; contextos de atuação: ambulatório privado e ONG.

- **Oxumaré:** 55 anos, cor parda, sem religião, informa que não acredita em nada, só não duvida da fé e realiza práticas espirituais regulares. *Processo formativo:* graduação em psicologia há 18 anos em universidade privada; doutorado há 7 anos. *Experiência clínica:* há 16 anos, utilizando a abordagem junguiana; contextos de atuação: consultório privado e hospital privado.
- **Oyá:** 40 anos, cor branca, sem religião, não informa sobre práticas espirituais regulares. *Processo formativo:* graduação em psicologia há 17 anos em universidade pública; informa especialização em Gestalt-Terapia, do tipo formação, há 6 anos. *Experiência clínica:* há 17 anos, utilizando a Gestalt-Terapia; contextos de atuação: ambulatório público, clínica privada e hospital privado.
- **Perséfone:** 31 anos, cor parda, religião Católica, não informa sobre práticas espirituais regulares. *Processo formativo:* graduação em psicologia há 8 anos em universidade privada; especialização em Psicoterapia Cognitivo-comportamental há 8 anos. *Experiência clínica:* há 8 anos, utilizando a Terapia Cognitivo-comportamental; contextos de atuação: clínica privada e consultório privado.
- **Vishnu:** 56 anos, cor branca, religião Católica, não informa sobre práticas espirituais regulares. *Processo formativo:* graduação em psicologia há 31 anos em universidade pública; especialização em Psicologia Clínica e Hospitalar há 17 anos e mestrado. *Experiência clínica:* há 26 anos, utilizando a Psicanálise; contextos de atuação: consultório privado e clínica institucional.

Em nosso grupo tivemos cinco participantes que se identificaram como pertencendo a religiões organizadas e o mesmo número afirmando realizar práticas espirituais regulares. Contudo, não eram os mesmo cinco, demonstrando que, neste grupo, não apareceu relação entre a identidade religiosa formal e as práticas espirituais regulares. Das/os participantes,

apenas uma/um psicóloga/o exercia uma prática religiosa/espiritual afiliada a uma religião organizada e alinhada à estrutura dessa religião.

No levantamento de maior abrangência com psicólogas/os em território nacional ouvindo sobre sua religiosidade e espiritualidade, Paulino (2019) relata que, mesmo apresentando índices menores que a população em geral, referem 81% de crença em Deus e 62,3% de prática de preces e seus níveis de religiosidade intrínseca e R/E não organizacional são elevados. Outros estudos, como Coutinho e Sanches (2021) mostram que, além da categorização tradicional como católicos, protestantes, ateus, agnósticos etc., nota-se a crescente presença de novas configurações religiosas. São os “desigrejados”, “espirituais não religiosos” e pessoas sem religião, que não se declaram ateus nem agnósticos. Estudiosos dessas novas configurações apontam que esse movimento é um fenômeno complexo, relacionado ao desejo de escolher não apenas a religião, nem somente a possibilidade de mudar de afiliação religiosa como, principalmente, a liberdade de reconfigurar em padrões pessoais a estrutura das crenças e práticas religiosas que será seguida (Coutinho & Sanches, 2021). Nosso grupo apresenta claramente este fenômeno, embora não fosse utilizada a nomenclatura.

5.2 Categorias de Análise Decorrentes da Roda de Conversa

5.2.1 Categoria 1. Experiências E Construções Pessoais

Esta categoria se constitui de narrativas que mostram: a) as vivências pessoais com a R/E ao longo do desenvolvimento, constituindo a identidade R/E; b) os tipos de identidade R/E e suas configurações; c) a relação destas experiências e construções com a identidade como psicóloga/o clínica/o.

Os processos vivenciais formativos da religiosidade/espiritualidade no ser humano, como os demais aspectos constitutivos da identidade, são construídos ao longo do desenvolvimento, a partir de múltiplos fatores. Alminhana & Moreira-Almeida, em sua revisão

de 2009, afirmam que estudos apontam a relação encontrada entre religiosidade e personalidade como dependente do tipo de religiosidade que é medido; ainda assim, “alguns autores sustentam que a crença em uma dimensão de Religiosidade, em uma realidade transcendente ou em um Deus pessoal parece não possuir correspondências entre quaisquer dos cinco fatores de personalidade” (Alminhana & Moreira-Almeida, 2009), sugerindo que a Transcendência Espiritual seja um outro fator, a ser considerada uma nova dimensão da personalidade. Na experiência pessoal de Ganesha, encontramos uma trajetória onde se mesclam orientações parentais, experiências difíceis e escolhas individuais:

Eu também não tenho religião é, isso ficou claro lá no questionário; minha mãe, a família de minha mãe, sempre foi extremamente católica e meu pai, ele começou a frequentar doutrina espírita, então eu me recordo que quando eu era criança a gente ia na casa de uma amiga de meu pai e que ela dava o caruru de Santa Bárbara e ela me deu uma Santa Bárbara dizendo que eu era de Santa Bárbara. (...) e eu tive uma experiência pessoal, né, perdi uma pessoa quando eu tinha 15 anos, uma pessoa muito querida e eu meio que rompi com qualquer tipo de religião, eu duvidei, né, de Deus, depois eu me reencontrei com ele, me reconectei com ele hoje eu acredito em Deus, (...). (Ganesha, p.10)

Outras trajetórias de construção da identidade R/E são apresentadas por Mercúrio e Oxumaré:

Eu sou católica, então, minha família é toda católica, eu fiz batismo, eucaristia, tudo o que o catolicismo coloca, né, até crismada (...) não sou assim, praticante de ir à igreja todos os dias, mas, eu tenho minhas orações todas as noites e meus agradecimentos, ao acordar, então é isso, acredito na espiritualidade. (Mércúrio, p. 29)

Eu sempre fui uma inquieta espiritual, né, desde criança eu sou muito inquieta espiritualmente, sempre fui muito crítica e questionadora (...) tinha algumas coisas que me assustavam muito, é, nos rituais, que uma criança não entendia direito, depois eu fui

entendendo (...) todo um contexto cultural daquela cidade que foi tão importante para mim, que pulsou tanto na minha vida e me aproximou de várias formas de espiritualidade (...) desde que a sua conexão com esse sagrado em cada um de nós (...) conduza a gente para o nosso processo de desenvolvimento. (Oxumaré, p. 14)

Aqui Oxumaré nos traz a relação entre a vivência pessoal da espiritualidade construída e as possibilidades de acolhimento às espiritualidades dos demais:

(...) mas acolher mesmo a espiritualidade nossa e de cada um, né, porque eu acho que se a gente não acolhe a nossa do jeito que ela é, a gente vai ter dificuldade também de acolher a do outro. (Oxumaré, p. 21)

No que se refere às afiliações ou não, às formas como as/os participantes se identificaram, observamos que períodos históricos anteriores consideraram as vivências espirituais como uma experiência coletiva, dada a partir das estruturas da sociedade, às quais cada indivíduo encontrava seu modo de se integrar e participar. As identidades R/E eram formais e coletivas (Coutinho & Sanches, 2021). A partir da modernidade essa ótica vem mudando, tornando-se, não a sociedade, mas o indivíduo, com suas vivências e interesses, a base da construção identitária na dimensão R/E. As narrativas analisadas neste estudo mostram essa construção em vários aspectos, que têm dado origem à formação de novos grupos. Além das afiliações religiosas tradicionais, cresceram nas últimas décadas, os “sem religião”, as “afiliações religiosas simultâneas”, os “espirituais-não-religiosos” e “desigrejados”, entre outros.

A multiplicidade, integrada a partir da perspectiva, da história pessoal e dos processos subjetivos e incorporada às vivências atuais, aparece em outros relatos:

Na minha vida eu tô em conexão com esse sagrado, e que é todos os dias, então, (...), mas aí isso é completamente ampliado, né, então eu vou de Oyá, à divindade, e Francisco, que eu tenho uma relação muito bacana com ele, mas dessa forma, trazendo pra dentro, trazendo

pra perto e vendo qual é o sentido que cada elemento desse tem na minha vida, né, e como eu posso ser ajudada e como esses elementos (...). (Oxumaré, p. 14)

(...) eu fui educada dentro da perspectiva espírita, então para mim não diabo, sataná, né, não tem inferno, eu não acredito nisso não, não fui educada nisso que existe um lugar ou uma pessoa (...) mas estudo o caminho, vou a centro espírita, mas não me digo por não ter uma... eu não consigo ser capturada completamente, algumas coisas do budismo também eu me interesse muito, talvez sejam as coisas que eu mais consiga acompanhar. (Oyá, p. 43)

A relação com práticas espirituais regulares, antes totalmente alinhadas com as práticas e regras de cada religião, passa a ser uma opção pessoal, considerada muito relevante, mas construída pela própria pessoa, independente de afiliação, como expressam Ganesha e Oxumaré:

Eu acredito em Deus, acredito numa força, eu não sei se a gente pode chamar de Deus, e rezo bastante, tenho imagem na minha casa, mas eu também não tenho uma religião definida, então eu me considero espiritualista. (Ganesha, p.10).

Sim, eu acredito em Deus, eu faço oração todo santo dia, sou totalmente dependente da graça dessa, dessa espiritualidade”. (Oxumaré, p.14)

A afiliação religiosa, concebida como uma vivência e identidade constituídas a partir de critérios pessoais, que se sobrepõem às regras formais da religião aparece no relato de Vishnu:

Sou católica, né, assim, minha família é muito católica, eu portanto sou batizada, tenho fé, frequento esporadicamente uma igreja, não é uma coisa que sinto a necessidade de ser frequentadora regular, eu achar que a religião ou estar num determinado templo implica que eu sou isso, ou que eu faço melhor, ou que eu tenho mais fé, é uma experiência. (...), mas não acredito que o templo seja o lugar que vai provar nada, né, então assim, ter que ir a uma igreja, ter que ir a um terreiro, ter que ir a um, sei lá, um centro espírita, não acho que é isso que prova

nada, então me sinto católica. (...) por exemplo, eu tenho várias coisas que não concordo na religião católica, tem várias coisas que eu, digamos assim, que eu separo e considero que eu posso ouvir coisas e posso não ouvir coisas, depois eu posso seguir coisas e não seguir coisas, mas, eu também não digo que eu não sou católica, eu, na minha casa tenho imagens de santos, na minha casa tem velas para acender quando eu quero acender, então, assim, isso é da religião católica, como é que eu vou negar que sou católica, então? (Vishnu, p. 22)

Podemos discutir esta categoria a partir das lógicas individualistas da contemporaneidade. Historicamente, a reforma protestante, no século XVI, introduziu na Europa uma mudança importante na afiliação religiosa. Encerrando a estrutura medieval, ancorada em um modelo religioso único - a Igreja Católica - que representava a autoridade máxima nas questões de fé e na relação com os Estados, propôs que a relação com Deus não se ancorava numa autoridade externa, mas no resultado da reflexão individual sobre os textos sagrados. Na atualidade isso pode não parecer importante, mas, embora pensadores aqui e ali já tivessem apresentado essa proposta, Lutero e seus seguidores a transformaram em realidade concreta, produzindo-se grupos, sociedades e Estados baseados no novo modelo. Apoiados também em outros processos sócio-históricos, os séculos seguintes avançaram em mudanças políticas, sociais e econômicas que consolidaram a centralidade do indivíduo e foram transformando a religiosidade/espiritualidade em vivências cada vez mais individuais.

Os sentidos produzidos nesta categoria, apontam para os sentimentos e vivências, basicamente pessoais, que levaram às escolhas atuais de cada um. As/os participantes não pensam em adequar esses processos à estrutura de tal ou qual religião, de tal ou qual identidade. Ao contrário, não há qualquer dificuldade em considerar que, se a religião preconiza uma dada conduta, mas a pessoa não concorda com ela ou não sente assim, ela vai fazer como bem lhe parece e isso não é visto como algo que vai afetar a sua declaração de pertencimento àquele grupo. Ampliando o olhar, a ideia de liberdade individual não apenas implica na possibilidade

de escolher afiliações, mas também de que essas afiliações não precisam estar alinhadas com a construção coletiva sobre aquele pertencimento, com as regras que a própria religião ou grupo ou sociedade estabeleceu para que alguém fosse considerado como participante. A regra soberana é que o indivíduo se sinta ou se considere participante.

Vemos que as configurações apresentadas, quando discutimos o perfil do grupo, aparecem claramente nestas falas, alinhadas com as novas configurações estudadas por Coutinho e Sanches (2021), apresentando um novo perfil de vivência da religiosidade/espiritualidade ao qual os estudiosos do campo precisam estar atentos. Psicólogas/os devem estar atentas/os a estes conhecimentos ao trabalhar com pessoas que podem ou não ter a mesma perspectiva que elas/es, evitando naturalizar ou os modelos tradicionais ou as novas configurações, mantendo uma escuta aberta quanto ao modo como cada indivíduo se posiciona e os sentidos que atribui.

Se incluirmos elementos mais gerais nessa discussão é possível perceber que a mesma concepção é aplicada a outras identidades, como afiliação política e até mesmo à validação da realidade. Se, em épocas passadas, acreditava-se que a Terra era plana a partir dos conhecimentos aceitos coletivamente, hoje é possível a certos grupos acreditar nisso independente do conhecimento e experiência acumulados demonstrarem o contrário, porque o critério de validação é a convicção e aceitação individuais.

Do ponto de vista específico do objeto deste estudo, os sentidos identificados nesta categoria não se circunscrevem à formação pessoal, mas apontam para a própria relação de psicólogas/os com o fazer profissional e o manejo da dimensão religiosidade/espiritualidade na prática clínica. As lógicas individualistas prevalentes na atualidade impõem grandes desafios, por exemplo, na construção de processos democráticos, que necessariamente demandam que os indivíduos se adequem aos interesses e escolhas coletivas e se submetam às decisões democraticamente estabelecidas; ou, para a psicologia, o desafio de viabilizar uma prática

científica e profissional que problematize as próprias subjetividades e fazeres em jogo, ao mesmo tempo reconhecendo que faz isso de dentro do mesmo contexto sobre o qual reflete e atua.

5.2.2 Categoria 2: Conflitos e Silenciamento da Religiosidade/Espiritualidade

As narrativas aqui mostram: conflitos entre ciência e religião nas vivências pessoais, de formação e profissionais das/os participantes, relação destes conflitos com a formação profissional e as estratégias de manejo dos conflitos e microagressões através do ocultamento e silenciamento. Esta categoria evidenciou experiências emocionais marcantes, que aparecem na literatura em estudos que escutam profissionais e estudantes de psicologia sobre a temática R/E (Bubols, 2022; Paulino, 2019; Pereira e Holanda, 2019; Pereira & Holanda, 2016)

A relação entre ciência e R/E e, conseqüentemente, entre psicologia e R/E, está claramente representada na forma como psicólogas/os absorvem e se ajustam ao papel esperado na ciência e na profissão. Este processo se dá através de experiências diretas, comunicações, transmissão de modelos explicativos e interdições explícitas ou implícitas que ocorrem a partir do acesso ao mundo acadêmico, abrangendo o currículo, as atividades de formação e as interações, se expandindo até as expectativas sociais, produção científica e controle do exercício profissional.

Essa matriz de conflito aparece nos relatos de vivências pessoais no contexto acadêmico e profissional e está diretamente relacionada à já mencionada lacuna na formação (Araújo, 2020).

Algumas falas evidenciam o conflito, como Durga, relatando uma vivência que não ocorre na academia, mas em outros contextos, mas está vinculada à representação social da/o psicóloga/o:

(...) algumas pessoas ficam assim, né, quando a gente começa a falar de espiritualidade com alguma outra pessoa e a pessoa vê que você é psicóloga, fica assim: ah, você é psicóloga, então você não acredita nessas coisas, né? (...)”. (Durga, p.13)

A vivência de Jesus, nesta fala, ocorre em sua prática profissional, na universidade:

Mas falando sobre essa questão do medo, é, eu também não me sinto à vontade, sabe, hoje, na academia, de expressar abertamente com todos os meus colegas, “olha eu sou cristã”, né, porque eu sei que para alguns isso tem uma barreira e para evitar ter esse tipo de barreira então eu não falo; aquelas pessoas que são próximas a mim, que já trabalharam muito perto, eu sinto à vontade para falar, mas, aquelas que não são, que são colegas apenas, não são amigos ou parceiros mais próximos, não, eu não, não falo sobre, né, porque entendo que existem também os preconceitos”. (Jesus, p.66).

As/os participantes trazem relatos que remetem a experiências de microagressão. Embora não descrevam as interações com detalhes que permitam uma compreensão específica do tipo de microagressão, deixam claro que interagem em situações espontâneas do cotidiano, tendo sido alvos de um ataque sutil, não intencional, mas real e que causou sofrimento. Perséfone, no início do curso, relata uma experiência que se alinha com as consequências estudadas em situações de microagressão, embora não seja possível identificar o quanto de microassalto, de microinsulto ou de microinvalidação ocorreu. (Araújo, 2020; Sue et al, 2019):

(...) quando eu tava no primeiro semestre eu tive uma experiência de falar em sala de aula, né, numa aula sobre introdução à psicologia, a minha crença, né, que das minhas experiências, na verdade pessoais de, é, da, como é que eu posso dizer, da questão de uma certa mediunidade, digamos assim; foi uma castração, né, depois dali eu nunca falei mais nada em sala de aula e nem acho, que nem com meus colegas muito, eu conversava sobre isso (...) e só foi piorando as coisas, e no estágio, já lá atendendo na clínica no oitavo semestre, meu

pensamento era: meu paciente não pode me conhecer, as pessoas não podem saber (...). (Perséfone, p.102).

Um outro aspecto da fala de Perséfone é o silenciamento produzido pela microagressão. Araújo (2020) aponta três tipos de silenciamento: locutório (impedir diretamente a pessoa de falar), perlocutório (a pessoa pode falar, mas não é levada em consideração) e ilocutório (a pessoa não fala porque a audiência não compreende sua intenção de se colocar). De forma ilustrativa e especulativa – uma vez que seriam necessários elementos mais detalhados para uma análise efetiva – podemos considerar que Perséfone foi alvo de uma situação mista de microassalto e microinvalidação, em que sofreu um ataque verbal ao relato de sua experiência através de uma ação propositalmente discriminatória, visando eliminar o tipo de percepção de R/E apresentado, o que a levou a um silenciamento locutório. Um relato de Vishnu, como docente de psicologia, mostra os modos como as pessoas silenciam nos contextos específicos das microagressões e buscam formas de expressão seguras, criando condições em que não confrontem a interdição e não se exponham a microagressões. Vemos, contudo que estas ações em si carregam consequências emocionais importantes, evidenciam a exclusão e o silenciamento e contribuem para reproduzir e naturalizar o processo:

(...) [na faculdade onde ensino] existem os evangélicos que se reúnem, que fazem encontros no pátio às vezes, mas nunca são encontros onde é o horário onde tá todo mundo circulando, tá todo mundo junto, tem um lugar reservado para eles, eu acho que tem mesmo um medo, um receio de ser julgado de ser criticado, sabe? (...). (Vishnu, p.58).

A discussão das narrativas deste estudo deve incluir a compreensão da interseccionalidade que as atravessa. A posição de desconfiança, rejeição e exclusão dos discursos e vivências R/E na psicologia, refletindo o contexto social em que vivemos, não se apresenta da mesma forma com todas as matrizes religiosas. Embora a posição materialista, que se tem a expectativa de ser adotada por pessoas não religiosas, ateias e agnósticas, seja

privilegiada no campo científico e universitário, como já discutido, as vivências R/E de psicólogas/os não são encaradas da mesma forma. A relação com alguém cristão não é a mesma que se dá com quem não é cristão; entre os cristãos, difere se são católicos ou protestantes e entre estes, se são protestantes históricos ou neopentecostais; também as chamadas religiões mediúnicas e, sobretudo, as religiões de matriz africana sofrem pela concepção de realidade, de vida e do sagrado estruturadas de modo bem diferente das judaico-cristãs, mas, sobretudo são assimiladas às teorias etnocentristas, eugênicas e racistas dos séculos XIX e XX, que ainda persistem e às várias formas de exclusão de que são alvo; quanto às religiões dos povos originários, são afetadas por muitos desses aspectos e mais pela invisibilização que sofreram a partir do período colonial. A literatura mostra a existência dessas diferenças, embora o silenciamento da dimensão R/E ocorra em todos os casos e se possa dizer que o sofrimento decorrente das microagressões afete a todos (Alkimin, 2022; Karrer, 2020).

Claramente não é possível, no escopo de nosso estudo, incluir essa discussão, dada a sua complexidade, apenas tangenciada nas colocações acima. Contudo, é fundamental tê-las em mente ao discutirmos as falas anteriores de Perséfone sobre a experiência vivida no primeiro semestre do curso de psicologia e de Vishnu sobre as reuniões de estudantes evangélicos, bem como a fala de Jesus, a seguir:

(...) existem catolicismos, como existe, né, cristianismos, judaísmos, né, então dentro de cada religião rótulo aí maior, classificação maior, existem as outras, mas, infelizmente, hoje o evangélico, é, o cristão evangélico, ele é visto a partir do prisma do fundamentalismo, do apoio a Bolsonaro, né, por exemplo, né, que aí já é uma vertente política escandalosa, né, e que não tem a ver com muitos segmentos e aí eu vejo também uma contrapartida, né, de outros evangélicos que não estão e não coadunam com essa formação e essa posição e que de alguma forma também não são escutados (...). (Jesus, p.65).

Esta categoria, representada por narrativas emocionalmente intensas, onde são comuns os relatos de sofrimento (Paulino, 2019; Pereira & Holanda, 2016), traz, inevitavelmente a questão da formação da psicóloga/o, tão claramente atravessada pela posição atual em relação à R/E. Existem propostas desenvolvidas para a inserção da temática nos currículos dos cursos de psicologia (Cunha, Rossato, Gaia e Scorsolini-Comin, 2020; Oliveira, Serur, Michel & Esperandio, 2019; Pereira & Holanda, 2019; Cunha & Scorsolini-Comin, 2019b) e residência em psiquiatria (Hathaway et al, 2022), alguns deles voltados para a discussão de quais as competências necessárias para trabalhar com a R/E no contexto clínico (Bubols, 2022). O estudo de Bubols buscou “identificar e desenvolver competências de psicoterapeutas para o manejo clínico de questões relacionadas à religiosidade, espiritualidade e experiências anômalas” (Bubols, 2022), tendo realizado: uma revisão sistemática sobre como psicoterapeutas manejam clinicamente tais questões, a validação do instrumento CRESEAP para identificação das competências necessárias e a verificação da eficácia de um treinamento proposto para o manejo clínico de tais competências.

Nas narrativas de nosso estudo, várias falas chamavam a atenção para a necessidade de repensar e modificar a formação, em vista das experiências vividas. Após a referência às reuniões dos estudantes evangélicos, Vishnu fala da necessidade de que algo seja feito, na academia, e Oyá na sua atuação clínica no contexto hospitalar, desvela a microagressão e intervém, em ambos os casos buscando superar esse silenciamento:

E isso não pode existir, se a gente acredita de que a gente tem que abrir espaço para que o outro se coloque, pra que o outro diga quem ele é e no que ele acredita; então, ao mesmo tempo que a gente acredita e fala e constrói um espaço de formação em que a gente precisa abrir pra que o outro exista e isso fica contraditório quando eu também não aceito que esse outro exista, quando eu critico e digo que aquilo é terrível, que aquilo é abominável e portanto ele também é, então, assim, como ajudar essas pessoas a encontrar-se entre a sua formação e a

sua prática e as suas crenças, porque ser psicólogo é isso, é fazer a gente questionar nossas próprias crenças (...) Eu falo de obrigação ética e de compromisso ético, que se eu entendo o que é formação, eu tenho que me colocar nesse lugar de alguém que tem que abrir espaço de reflexão, de estudo, de leitura, de compartilhamento, né, de experiências, a gente precisa por essas ideias e essas crenças e num espaço onde elas possam ser refletidas (...). (Vishnu, p.58).

(...) por muito tempo as pessoas estão dentro dos hospitais distribuindo os “panfletinhos” de salvação, de trechos bíblicos, mas, as pessoas do candomblé, elas têm um acesso muito restrito e até mesmo de algum ritual que pareça ser importante pra essas pessoas, como às vezes mexe com folhas, às vezes vai mexer com pipoca, isso é muito difícil da equipe aceitar, então que a gente possa abrir espaço para que a dimensão da religião também possa se expressar, porque, por que pode fazer uma bênção rezando e não pode fazer uma bênção de uma outra forma, então, dentro dos espaços da instituição, a gente também tem ficado atento, eu especificamente, a essa possibilidade de existência de algumas religiões que sofrem algumas discriminações (...)” (Oyá, p.41).

Os sentidos que emergem dessas narrativas mostram como o processo formativo de psicólogas/os está impregnado de conflitos e silenciamento em relação à religiosidade/espiritualidade. Mais que isso, torna necessário considerar os muitos elementos a partir dos quais podemos discutir de que formas o silenciamento da R/E, como vivência humana válida, atravessa o fazer profissional de psicólogas/os, entre eles o conceito e alcance da ciência, as questões de método, a complexidade do objeto de estudo da própria psicologia, as associações entre objetividade, neutralidade e ética, além da própria vivência de colonialidade, inerente aos processos históricos num país como o Brasil, impregnando literalmente todas as esferas da nossa vida pessoal e social.

Em síntese, podemos dizer que o silêncio e o não-dito em relação ao conhecimento e utilização da R/E na prática clínica de psicólogos, são apontados em vários estudos como

relacionados à quase total ausência do tema nos cursos de graduação e pós-graduação no Brasil (Paulino, 2019). Esse silenciamento se expressa, para além do currículo em si, nos vários relatos de experiências difíceis e marcantes, apresentados pelas/os participantes de nosso estudo. Encontramos situações nas quais a expressão de ideias, crenças ou vivências no campo da R/E foi recebida, explícita ou implicitamente, como censurável e inadequada, gerando sentimentos de desrespeito ou desqualificação. Tais experiências produzem comportamentos de defesa por parte daqueles que as vivem. Um dos comportamentos mais relatados consiste em não comentar, não falar sobre o assunto, silenciar. Há percepções de interdição, como se o assunto R/E não devesse ser tratado no contexto acadêmico, ou por uma/um psicóloga/o ou ainda menos em situações profissionais, justificado pelo fato de ser a psicologia uma ciência, portanto uma racionalidade mais sofisticada e complexo, que pode ficar comprometida se de algum modo relacionada à racionalidade e às crenças R/E.

5.2.3 Categoria 3: Espiritualidade na Prática Clínica

O sentido representado nesta categoria se constitui de narrativas relacionadas à presença de demandas R/E na prática clínica, aos conhecimentos prévios das/os psicólogas/os e às estratégias utilizadas para realizar o manejo. A partir da discussão feita na categoria anterior, desenhou-se um cenário em que o conflito vivenciado entre a ciência da psicologia e o campo da R/E, com os consequentes processos de silenciamento, associados à lacuna na formação, tornariam difícil o manejo clínico para a/o psicóloga/o, a produção de conhecimento e a prestação de um serviço de qualidade, que pudesse integrar a dimensão R/E às demais dimensões humanas nos cuidados profissionais. Nas narrativas produzidas, todas/os declararam que existiam demandas relacionadas à religiosidade/espiritualidade, que as acolhiam e que as trabalhavam fazendo adaptações das abordagens usadas para a atividade clínica.

A discussão destes resultados será realizada a partir das competências evidenciadas pelas/os participantes, destacando os elementos presentes nas experiências relatadas.

A existência de demanda R/E no campo da saúde como um todo, da saúde mental e da psicologia está fartamente documentada em estudos realizados (Adão, 2022; Perse, Santos, Muniz, Pereira & Rios, 2021; Monteiro, Reichow, Sais e Fernandes, 2020; Braum e Koenig, 2019; Vitorino, Lucchetti, Leão, Vallada & Peres, 2018), o que se evidencia, por exemplo, no Posicionamento da Associação Mundial de Psiquiatria sobre Espiritualidade e Religiosidade em Psiquiatria, definindo a inclusão da R/E nos atendimentos psiquiátricos, posicionamento encontrado também em outras especialidades médicas (Almeida, Sharma, Van Ronsburg, Verhagen & Christopher, 2018). Os relatos de nosso estudo corroboram a literatura, enquanto apresentam a postura das/os psicólogos em resposta a essas demandas.

Uma fala de Oyá nos mostra que, numa concepção ampliada de clínica, incluindo outros espaços, no caso o hospital, e pensando clínica como algo que vai além da psicoterapia, a demanda R/E se apresenta à/ao psicóloga/o a partir de uma leitura da pessoa e do contexto que, muitas vezes, antecede a entrevista e a verbalização da queixa:

(...) eu espero que o paciente traga, em alguns momentos eu não aguardo, em alguns momentos eu abordo mais diretamente (...) eu pergunto também porque algumas pessoas trazem nas suas roupas alguns indicativos de uma ligação religiosa e especificamente o candomblé, ele é muito pouco bem recebido e eu gostaria de dizer a essas pessoas ‘olha, eu vejo a sua conta, eu vejo seu turbante e tudo bem se você quiser falar com isso, que a gente pode, se você não quiser falar, também não tem problema nenhum (...) então já teve mães que, e avós, que me disseram que deram entrada numa sexta-feira e que ela nasceu no dia de Oxalá e que tinha um filho de Deus todo vestido de branco e que eles puderam se reconhecer dentro do centro obstétrico (...)’ (Oyá, p.40).

Na atuação como psicoterapeutas, como esperado em função dos estudos mostrando a relação entre R/E e questões transcendentais da vida, foram referidas intervenções relacionadas a situações de luto, de mortalidade e de finitude:

(...) a gente vai visualizando o quanto que, principalmente quando a gente trabalha os temas de luto e os temas de enfrentamento do adoecimento, o quanto que se apresenta a espiritualidade de cada sujeito, de cada pessoa que a gente tá atendendo, eu pelo menos, eu vou percebendo dessa forma (...). (Durga, p.13).

(...) morte é finitude, é limite e a espiritualidade, ela aponta para o mais além, ela dá uma esperança, né, a própria divindade dá isso, dá uma esperança e também para o psiquismo serve como que aquilo que tá mais além do meu ego ou do meu eu, é, alguma inteligência cuida disso, que eu ainda não sei responder(...). (Omolu, p.86).

Vimos que Oyá decide se vai abordar inicialmente a R/E com o paciente ou se vai esperar que ela/e tome a iniciativa, em função do que percebe em cada caso. As/os demais psicólogas/os do grupo se dividem, escolhendo aguardar ou abordar desde a entrevista inicial ou como parte das informações solicitadas ao começar o processo terapêutico. Esta decisão parece ser tomada a partir da experiência anterior. Em nenhum dos relatos encontramos referência a conhecimentos específicos de manejo clínico da R/E, como os instrumentos de anamnese e avaliação espiritual, validados para a população brasileira, sendo mais conhecidos FICA (questionário usado para anamnese espiritual), DUREL (escala que mede três das principais dimensões do envolvimento R/E: religiosidade organizacional, não organizacional e intrínseca) ou a escala da OMS, WHOQOL-SRPB (World Health Organization Quality of Life – Spiritual and Religious Personal Beliefs), que avalia espiritualidade, religiosidade e crenças pessoais (Bezerra, Evangelista, Cruz & Ferreira, 2019; Vitorino et al, 2016; Lucchetti, Granero, Bassi, Latorraca & Nacif, 2010).

Conhecendo estes instrumentos a/o psicóloga/o pode introduzir a temática R/E na prática clínica e aprofundar o conhecimento e manejo desta dimensão. São instrumentos simples, confiáveis, usados na clínica e na pesquisa, em processo constante de revisão e aperfeiçoamento. Tal desconhecimento priva as/os psicólogas/os de instrumentos simples e confiáveis, tanto para uma abordagem inicial da história espiritual, quanto para compreender o significado da R/E para os clientes e sua relação com os diversos elementos envolvidos. Atender sem esses conhecimentos implica num esforço extra, uma vez que todas/os buscam se qualificar, tanto teoricamente quanto do ponto de vista pessoal, como demonstram Mercúrio, Ganesha e Vishnu:

(...) eu já atendi diversas religiões (...) a gente também tem que estudar sobre tudo porque o sujeito que vem à nossa frente tem várias crenças, vários olhares e a gente não pode se fixar em uma só (...). (Mercúrio, p. 29).

(...) independente do que eu penso, eu preciso escutar o outro e respeitar o outro, mesmo que o que ele traz possa ferir os meus ouvidos; só que existe uma dificuldade, não só em termos de religião mas de outros temas da gente ser incomodado e pensar sobre esse incômodo, por que que eu não consigo ouvir alguém que é tão diferente de mim, então se a gente não trabalha essa dimensão, a gente vai atravessar o paciente, vai cortar ele, sim, a gente vai querer que isso passe ou que isso não volte, porque a gente não dá conta disso na gente (...). (Ganesha, p. 74).

(...) eu tive um paciente ateu, eu tenho paciente espírita, enfim, eu acho, assim, que isso permeia um trabalho pessoal também, assim, a gente precisa mesmo tá se trabalhando pra fazer essa escuta adequadamente, né, essa possibilidade de escuta ampla, de incluir a perspectiva do outro, porque às vezes não é fácil né, assim, e exige da gente essa neutralidade constante a clínica (...) (Vishnu, p. 22).

Vamos observar que as/os participantes de nosso estudo realizam o manejo da R/E através das abordagens em psicoterapia com que trabalham e na qual se especializaram. Isso

acontece em várias abordagens, três das quais analisaremos aqui (análise do comportamento, psicologia analítica junguiana e psicodrama), sendo essa, aparentemente, uma forma de utilizar as competências já desenvolvidas ao longo da formação e, com elas, dar conta da demanda R/E sem a qualificação específica.

O fazer profissional da/o psicóloga/o envolve competências amplamente discutidas e estabelecidas através das Diretrizes Curriculares que buscam garantir a formação de profissionais qualificados para atender à população e propõem articular conhecimentos, habilidades e competências em torno de eixos estruturantes. À medida que avançam os estudos sobre R/E e saúde, cresce o interesse em identificar que competências específicas devem ser desenvolvidas pelos profissionais para a realização de um bom atendimento.

Há várias propostas, como por exemplo a de Pargament (2011), que refere quatro competências centrais: conhecimento das diferentes expressões da R/E, abertura e tolerância com crenças diferentes das abraçadas pela/o psicoterapeuta, autoconsciência (sobretudo no que se refere a conhecer as próprias crenças) e autenticidade (para ser capaz de reconhecer as zonas de desconhecimento sobre as expressões religiosas e espirituais do cliente). Na sua tese de doutorado, Milena Bubols (2022) desenvolve e avalia um questionário e um treinamento com psicoterapeutas acerca das competências em R/E. Seu trabalho usa como ponto de partida as competências apontadas na literatura e estrutura o CRESEAP, que avalia cinco fatores: 1) abertura, acolhimento e consideração ao tema na psicoterapia, 2) espiritualidade do psicoterapeuta na relação terapêutica, 3) diagnóstico diferencial, 4) investigação clínica, e 5) autoconsciência. Os relatos de nosso estudo referem-se às abordagens, as mais diversas, mas podem também ser discutidos, ainda que de modo ilustrativo, do ponto de vista das competências.

A fala de Jesus, que trabalha com uma abordagem que ela categoriza como monista materialista, mas que aqui consegue incluir a R/E, demonstrando a competência 1, abertura,

acolhimento e consideração ao tema na psicoterapia, o mesmo acontecendo com a fala de Durga, trabalhando com psicodrama, que se segue:

(...) um modelo clínico dentro da análise do comportamento, trabalha com uma dimensão, né, que é uma dimensão psicológica, aqui que se chama valores e aí, valores, não no sentido moral, mas valores no sentido daquilo que importa para o sujeito, aí a gente tem um teórico chamado Steven Reis, que ele vai desenvolver então através da linguagem, o quanto que cabe à gente estudar ou se debruçar sobre essa dimensão do sujeito que se chama espiritualidade (...) então é possível, sim, dentro da análise do comportamento, desse escopo teórico, a gente estudar espiritualidade (...). (Jesus, p.17).

(...) Moreno vem trazendo também espontaneidade e criatividade, né, então esses aspectos todos que estão relacionados à gente poder pensar de uma forma mais geral na espiritualidade e ele traz, enquanto o hassidismo, que é uma versão do judaísmo (...) vou estar conhecendo quais são os significados, né, quais são os significantes que esse outro traz, que lugar tem a religião na vida do outro, né, e é bem nesse sentido que a gente vai trabalhando e estou aqui bem feliz com esse tema que vocês estão pesquisando (...)” (Durga, p. 13).

Abaixo vemos um trecho da fala de Oxumaré que, a partir da referência à abordagem junguiana, discute mais detalhadamente o manejo, abordando um conflito religioso trazido pela paciente; evidencia a mesma competência, acrescida de competências sobre investigação clínica, autoconsciência e autenticidade no cuidado e reconhecimento dos limites de seu conhecimento:

(...) como analista junguiana eu me sinto muito livre para tratar das questões da espiritualidade, né, o Jung tem um livro das obras completas (...) que é Psicologia e Religião, então assim, conversar sobre a questão da espiritualidade das diversas religiões na perspectiva simbólica que a psicologia analítica apresenta, dá um conforto, porque ajuda as pessoas (...) na questão do consultório tem uma delicadeza maior, tem um cuidado maior, porque por exemplo

eu já tive pacientes evangélicas, né que ficava assustadíssima quando sonhava uma figura da, da, do candomblé, né, então, assim, como manejar isso, né? não posso desqualificar o preconceito dela inicialmente; eu preciso primeiro olhar para isso do lugar que ela está, com todo o cuidado do mundo e ir ajudando ela na desmistificação desse símbolo que aparece no sonho, né, ela não precisa acreditar naquele símbolo como elemento religioso de forma alguma, né, mas como imagem arquetípica, de uma representação de algo que é importante para a psique daquela paciente, é, eu tenho que ajudá-la de alguma forma, acolher e entender; então, é sempre muito delicado e aí é que eu acho muito importante a gente estudar as religiões, porque se eu não sei qual é o manejo e eu não sei de todas as religiões, então eu preciso perguntar a meu paciente quando chega com algo que eu não sei, né, eu digo sim, mas, como é que funciona isso? O que sua religião pensa sobre isso? Como é que você se sente? Então, assim, é sempre o outro dizendo como é que se sente em relação àquele elemento e eu fazendo perguntas que ajude esse outro olhar esses elementos de outra forma que possa estar a serviço do seu desenvolvimento psíquico; então a gente também tem que tomar cuidado para não entrar no fundamentalismo psicológico, então se eu tiro desse lugar, eu levo para o campo do símbolo, do processo, quanto aquilo tá querendo informar alguma coisa muito importante para aquela pessoa especificamente, né, que para outra pode ser numa dimensão completamente diferente, mas, são os momentos em que eu fico assim muito cuidadosa, e com muito receio de ferir, né, o sistema de crenças do outro e de uma maneira que ele não consiga tirar o melhor proveito daquela experiência, então é o manejo muito cuidadoso nesse momento, né, mas que tem dado certo. (Oxumaré, p. 71).

A competência relacionada a autoconsciência relativa às próprias crenças aparece na experiência de Perséfone sobre a própria fé e seus sinais exteriores, ao tempo em que ela preserva também os aspectos éticos do respeito ao processo R/E do paciente:

(...) eu nunca deixei de atender, por exemplo com uma medalhinha se eu tava com vontade de usar aquela medalhinha, né, mas, entendendo que o meu papel não é dizer assim: não, você vai pro catolicismo, você vai pro espiritismo, você vai pra isso (...) eu tenho um paciente que ele é do candomblé, então toda vez que a gente tem terapia ele fala: não, porque antes de eu vir pra você eu fui fazer um jogo, meu pai de santo me disse isso, isso e isso; e a gente acolhe, eu acolho, eu trago com ele, pela linha teórica que eu sigo, né, eu trago muito a questão da razão, (...) vamos olhar de fora o que é que essa mensagem traz, o que que ela pode significar para você (...). (Perséfone, p. 49).

A questão das competências é muito relevante, pois, quanto mais a/o psicóloga/o as desenvolveu, ao longo da formação, mesmo que esta não tenha incluído R/E, mais ela/e consegue superar as limitações do conhecimento específico sobre a produção científica no campo. Nossos relatos mostram profissionais abertas/os à R/E, o que se relaciona com sua própria construção identitária que discutimos na primeira categoria. Algumas das competências listadas nos estudos são básicas para o trabalho clínico, talvez por isso tenham sido desenvolvidas na formação. As especificidades do manejo da R/E ficam em aberto, exigindo um esforço maior das/os psicólogas/os.

As/os participantes trabalham com abordagens diferentes, tinham, quase todas/os, especialização ou formação e, embora não tivessem recebido formação específica para manejar conteúdos de religiosidade/espiritualidade na prática clínica relataram como, a partir da teoria e suas técnicas, trabalhavam satisfatoriamente as questões trazidas, dando conta não somente de escuta qualificada como de intervenção tecnicamente fundamentada. Vale ressaltar que os ajustes não eram simples ou automáticos. Havia uma reflexão presente, uma análise da demanda frente à abordagem utilizada e um manejo que seguia os padrões aprendidos para outras demandas ou que trabalhava a pessoa como um todo, permitindo que o próprio cliente,

com o apoio do/a psicólogo/a desse conta das questões. Em duas situações foram feitos relatos detalhados e fundamentados de casos atendidos.

As narrativas mostram profissionais implicados com as várias dimensões das pessoas a quem atendem, capazes de suprir lacunas de formação, abertos ao que lhes é trazido, dispostos a incluir a dimensão R/E, mesmo diante do receio que esta temática traz. Se tiverem acesso a informação de qualidade, oportunidades de discussão das dificuldades, complexidade e diversidade de concepções que relataram, com certeza prestarão um serviço de mais qualidade ainda. Além disso, se publicarem estas experiências, submetendo-se à avaliação dos pares e oportunizando discussões e contribuições, trarão um benefício significativo a toda a categoria, à superação de lacunas e receios, à maior qualificação dos aspectos científicos da clínica psicológica.

5.3 Cenário 2 - Produto de Difusão de Conhecimento

Uma vez definido o formato, decidimos trabalhar inicialmente com duas temporadas, a primeira de cunho mais epistemológico, permitindo informar e refletir sobre alguns dos elementos básicos para a compreensão da temática no campo da psicologia e a segunda voltada para o campo da saúde em geral, principalmente a formação dos profissionais. Ambos os blocos de conteúdo se alinharam com o objetivo de fazer a difusão com o conhecimento sobre R/E em diálogo com a psicologia no contexto contemporâneo. A lista dos episódios e seus autores encontra-se nos Anexos C e D.

Nessa perspectiva, a primeira temporada foi organizada em torno da concepção de ciência e sua relação com a religião, da questão mente-cérebro, da laicidade, dos fundamentalismos religiosos e de saberes relacionados a paradigmas não eurocêtricos ou judaico-cristãos, como as matrizes africanas e dos povos originários. Os temas foram articulados com a psicologia como ciência e profissão e o lugar da dimensão R/E na prática clínica de

psicólogas/os. Como autores das falas seguimos o planejado no método tivemos, além da pesquisadora, psicólogas/os com qualificação e experiência nos temas, observando a diversidade de olhares e apresentando perspectivas variadas, no esforço de corresponder à complexidade e caráter multifacetado do tema. Esta série tem sido publicada em episódios semanais.

Planejada abordando a formação de psicólogas/os e outros profissionais de saúde para o manejo da R/E, as competências necessárias e especificidades desse manejo na prática de psicólogas/as em contextos clínicos, a segunda temporada está em fase de elaboração e será publicada, em episódios semanais, ao término da primeira. Posteriormente podemos ampliar esta atividade, segmentando-a para incluir séries temáticas, como: atualização em publicações na área, métodos de pesquisa científica no campo da R/E, experiência de profissionais etc.

Apesar das vantagens do formato de *podcasts*, o modelo que escolhemos não permite uma interação com o público, o que nos impede, neste momento, de avaliar melhor a percepção dos ouvintes sobre nosso trabalho. Consideramos, entretanto, que este produto oferece uma contribuição consistente para que psicólogas/os e estudantes de psicologia tenham acesso a informação e reflexão de qualidade sobre os aspectos científicos e clínicos da R/E.

6 Considerações Finais

Nesta dissertação de mestrado, as vivências de formação pessoal e profissional de psicólogas/os foram um ponto de partida útil para compreender seu manejo da R/E na prática clínica, permitindo que alcançássemos este objetivo primário, bem como forneceram subsídios para realizar o objetivo secundário de construir um produto de difusão do conhecimento sobre a R/E.

No cenário da pesquisa de campo, observamos que o percurso metodológico realizado através da escuta das vivências, que deu voz às/aos psicólogas/os participantes, assim como a coleta, utilizando a Roda de Conversa, que potencializa a partilha de conteúdos pessoais e coletivos, permitiram dar visibilidade às experiências, que a análise temática do conteúdo das narrativas pôde agrupar nas categorias.

O êxito na compreensão buscada se mostrou pela forma como o próprio grupo configurou os resultados. Chamamos a atenção, numa perspectiva das vivências pessoais, para alguns aspectos: como experiências vividas no processo de desenvolvimento afetaram a construção da identidade no campo da R/E; as marcas da colonialidade nessa construção e na forma de vivenciar R/E na vida adulta; impactos dos modelos coletivos de vivência da R/E e suas novas configurações na experiência singular de cada psicóloga/o.

A categoria 1 tornou visíveis as formas singulares e subjetivas de cada caminho experiencial em torno da construção da identidade R/E, ao mesmo tempo em que delineou as características, altamente contemporâneas, coletivamente partilhadas e identificadas com o contexto atual, dessas mesmas construções, como representando as vivências de uma geração, uma regionalidade, uma categoria profissional. Apontou para os resultados de estudos sobre novas configurações religiosas, sobre a individualização da experiência R/E na contemporaneidade e sobre a relação entre as vivências pessoais e a atuação clínica da/

psicóloga/o. Novos estudos que explorem estas características e sua relação com a prática clínica podem ser bastante elucidativos.

A categoria 2 mobilizou emoções e sentimentos, tratando do sofrimento do preconceito e das formas de lidar com ele. Um aprofundamento destes resultados pode ser realizado em várias linhas de pesquisa: através do estudo específico das microagressões referentes a R/E na formação da/o psicóloga/o, de estudos abordando as experiências com microagressões para diferentes identidades religiosas, de estudos sobre a interseccionalidade no campo das identidades R/E, sobre o sofrimento psíquico vivenciado por estudantes de psicologia diante das experiências de silenciamento e as possibilidades de uma formação lidasse melhor com essas experiências, entre outros. Considero importante ressaltar, também, que a expressão da identidade religiosa se mostrou significativa para as/os participantes e atravessa sua prática de modo a podermos afirmar que, em larga medida, define o manejo.

Esse aspecto precisa ser mais abordado e mais bem compreendido uma vez que essa identidade religiosa é vivida no mundo acadêmico e profissional com temor, além de atravessada por conflitos e experiências impactantes de microagressões, frequentemente não explicitados e, portanto, não trabalhados. No nosso estudo, trabalhamos com psicólogas/os interessadas/os no tema, portanto seria interessante escutar profissionais agnósticas/os, ateias/ateus ou que não considerassem a dimensão R/E importante. Da mesma forma, seria possível trabalhar com entrevistas semiestruturadas explorando perguntas específicas.

A categoria 3 trouxe à tona aspectos mais técnicos, num sentido bem amplo e, no que se refere às intervenções realizadas para manejar R/E na prática clínica, as/os participantes relataram seus esforços para adaptar os conhecimentos adquiridos na formação, sobretudo quanto ao referencial teórico adotado. Observamos que ao menos três abordagens diferentes (Junguiana, Comportamental e Psicodramática) são explicitamente nomeadas nos relatos de experiência, além de várias outras que ficam subentendidas. Buscando compreender essa

relação, fica claro que, para além da articulação teoria-prática, os relatos evidenciam integralidade no cuidado (superando a fragmentação ou a exclusão da dimensão R/E) e o respeito às experiências trazidas à clínica – em si mesmo um fundamento ético da prática profissional de psicólogas/os, ambos apontando para uma qualidade no cuidado, a partir da qual as/os profissionais podem ressignificar sua atuação e integrar mais facilmente os novos conhecimentos.

Na perspectiva da formação profissional, destacamos: a dinâmica da identidade da profissão psicólogo/a como pertencente ao campo científico, que dialoga com a própria concepção de ciência, ciência humana e psicologia presente na sociedade brasileira atual; os diálogos e interfaces que ligam a construção acadêmica, os processos pedagógicos e o contexto histórico e social; as discussões sobre a laicidade do Estado e da profissão e seu impacto no exercício profissional no campo da R/E. Mais especificamente, destacamos a forma como se produz a construção e divulgação de conhecimentos no campo em estudo e a discussão sobre a qualidade do serviço prestado a pessoas que demandam ou necessitam de um trabalho clínico qualificado, no que se refere à R/E. Todos esses aspectos e muitos outros dizem das muitas possibilidades de reflexão, problematização estudo e proposição que permitam à/ao psicóloga/o dar conta da religiosidade/espiritualidade como dimensão humana significativa no âmbito pessoal e coletivo.

Novas pesquisas podem explorar mais esses processos, criar desenhos de estudo que permita analisá-los de acordo com as diferentes abordagens utilizadas ou com os contextos de clínica onde as/os psicólogas/os trabalhassem, como consultório privado, serviço público, hospital, atenção primária ou secundária etc., além de trabalhar mais detalhadamente as competências necessárias ao manejo da R/E ou, dando seguimento ao que a literatura já nos traz, avaliar o desenvolvimento dessas competências na formação existente ou em projetos de treinamentos e formações.

O cenário da pesquisa de campo se mostrou muito útil para a construção do produto de difusão do conhecimento, já disponibilizado ao público e que tem potencial para contribuir de maneira consistente e prolongada na superação das lacunas de conhecimento sobre a R/E identificadas na literatura e na nossa pesquisa.

Independente de seus próprios posicionamentos quanto à R/E, psicólogas/os consideraram significativa a oportunidade de participar do estudo, necessário discutir as implicações da integração deste campo à prática clínica, apontam para lacunas na formação, expressaram desejo de obter os conhecimentos produzidos e buscaram ativamente os meios de integrar, de modo bem fundamentado, a R/E ao seu trabalho clínico.

Esse estudo se soma aos demais realizados, ampliando a escuta de profissionais de psicologia, contribuindo com novas reflexões e reiterando ângulos de discussão ou propondo novos. Do ponto de vista teórico, as falas trazidas e os sentidos atribuídos abrem ângulos interessantes para futuros estudos, utilizando referenciais como microagressões, silenciamento, colonialidade, filosofia da ciência, processos de construção da laicidade nos Estados contemporâneos, além das várias teorias psicológicas e da realização de pesquisas com outros grupos de psicóloga/os, aprofundando as categorias identificadas.

O formato do mestrado profissional tornou possível articular os elementos produzidos na pesquisa a intervenções concretas cujos resultados podem ser avaliados e levantar outras questões, propondo intervenções mais qualificadas, numa sequência de produção científica dialogando com os processos de formação e informação na sociedade e retroalimentando o próprio fazer científico.

REFERÊNCIAS

Abad, A., & Abad, T. M. (2022). *Análise de conteúdo na pesquisa qualitativa*. Alternativas cubanas en Psicología, 10, 28.

Adão, C. A., & Harrison, W. A. (2022). *Psicologia e religião: o impacto da religiosidade na vida de adolescentes*. COGNITIONIS Scientific Journal, 5(2), 138-153.

Alkimim, L. L. (2022). *O preconceito em relação à religiões de matrizes africanas e indígenas que comungam da Ayauascha*. Revista Processus Multidisciplinar, 3(6), 12-20.

Almeida, A. M., Sharma, A., Van Rensburg, B. J., Verhagen, P. J., & Christopher, C. C. (2018). *Posicionamento da Associação Mundial de Psiquiatria sobre espiritualidade e religiosidade em psiquiatria*. Debates em Psiquiatria, 8(2), 6-8.

Alminhana, L. O., & Moreira-Almeida, A. (2009). *Personalidade e religiosidade/espiritualidade (R/E)*. Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo), 36, 153-161.

Araújo, R. C. M. de, (2020). *Microagressões e o silenciamento na academia*. Entropia, Rio de Janeiro, vol. 4, n° 7, pp. 202/217.

Araujo, S. D. F. (2013). *O eterno retorno do materialismo: padrões recorrentes de explicações materialistas dos fenômenos mentais*. Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo), 40, 114-119.

Bockorni, B. R. S., & Gomes, A. F. (2021). *A amostragem em snowball (bola de neve) em uma pesquisa qualitativa no campo da administração*. Revista de Ciências Empresariais da UNIPAR, 22(1).

Bezerra, J. N., Evangelista, C. B., de Oliveira Cruz, R. A., & Ferreira, F. Â. (2019). Instrumentos que avaliam a espiritualidade de pacientes em cuidados paliativos: revisão integrativa da literatura. *Revista InterScientia*, 7(2), 160-173.

Borges de Paiva, A., Saramago de Oliveira, G., & Cristina Piolla Hillesheim, M. (2021). Análise de conteúdo: uma técnica de pesquisa qualitativa. *Revista Prisma*, vol. 2, nº 1, pp. 16-33. Recuperado de https://revistaprisma.emnuvens.com.br/prisma/article/view/40_

Braam, A. W., & Koenig, H. G. (2019). Religion, spirituality and depression in prospective studies: A systematic review. *Journal of Affective Disorders*, vol. 257, pp. 428-438.

Brandão, K. R. e Fonseca, R. S. S. (2023). Integração da espiritualidade no atendimento psicológico: benefícios, desafios e estratégias de intervenção. *Editora e-Publicar: psicologia e cultura*, v. 1.

Bubols, M. N. (2022). *Manejo clínico de questões sobre espiritualidade, religiosidade e experiências anômalas na psicoterapia: identificação, capacitação e avaliação*. Tese de Doutorado Programa de Pós-Graduação em Psicologia PUCRS.

Cardena, E., & Lynn, S. J., & Krippner, S. (2013). *As variedades da experiência anômala: análise de evidências científicas*. São Paulo: Editora Ateneu.

CFP (2005). *Código de Ética Profissional do Psicólogo (atualizado)*. Conselho Federal de Psicologia.

CFP (2013). *Laicidade e Psicologia: posicionamento do Sistema Conselhos de Psicologia para a questão da psicologia, religião e espiritualidade*. Conselho Federal de Psicologia.

CFP (2022). *Neuropsicologia: ciência e profissão*. Conselho Federal de Psicologia.

CFP (2023). *Resolução 07, de abril de 2023*. Conselho Federal de Psicologia.

Coutinho, S. R. & Sanches, W. L. (2021). O Pluralismo Religioso e as Religiões em Movimento. Ano XXIX - Nº 99 - Maio - Ago 2021 *Revista De Cultura Teológica* PUC SP DOI - 10.23925/rct.i99.54373.

CRP-SP (2016). Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. *Laicidade, Religião, Direitos Humanos e Políticas Públicas – Volume 1* (Coleção: Psicologia, Laicidade e as Relações com a Religião e a Espiritualidade) Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. - São Paulo: CRP - SP.

CRP-SP (2016). Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. *Na Fronteira da Psicologia com os Saberes Tradicionais: Práticas e Técnicas – Volume 2* (Coleção: Psicologia, Laicidade e as Relações com a Religião e a Espiritualidade) Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. - São Paulo: CRP – SP.

CRP-SP (2016). Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. *Psicologia, Espiritualidade e Epistemologias Não-Hegemônicas – Volume 3* (Coleção: Psicologia, Laicidade e as Relações com a Religião e a Espiritualidade) Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. - São Paulo: CRP – SP.

Cunha, V. F. da, & Scorsolini-Comin, F. (2019). A dimensão religiosidade-espiritualidade na prática clínica: revisão integrativa da literatura científica. *Psicologia: teoria e pesquisa*. v.35, e35.

Cunha, V. F., & Scorsolini-Comin, F. (2019). A religiosidade/espiritualidade (R/E) como componente curricular na graduação em Psicologia: relato de experiência. *Psicologia Revista*, 28(1), 193-214.

Cunha, V. F., & Rossato, L., & Gaia, R. D. S. P., & Scorsolini-Comin, F. (2020). Religiosidade/espiritualidade em saúde: uma disciplina de pós graduação. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 11(3), 232-251.

Cupani, A. (2017). Confiar na ciência: mudança de um paradigma cultural. In: Motta, C. J. e Piza, S (orgs) Thomas Kuhn e as ciências humanas. *DWW Editorial*, SP, 2017

Daltro, M. R. e Pondé, M. P. (2016). A psicologia e seu percurso de deslocamentos: uma prática constituída em bordas. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, Salvador, BA, vol. 5, nº 1, pp. 5-13.

Dantas, L. F. S., & Deccache-Maia, E. (2022). O retorno da era do áudio: analisando os podcasts de divulgação científica. *Revista de Ensino de Ciências e Matemática*, 13(4), 1-25.

De Aquino, T. A. A., & Cristino, A. C. C. (2023). Acerca da religiosidade em jung e frankl: do inconsciente coletivo ao inconsciente espiritual. *PARALELLUS Revista de Estudos de Religião*, UNICAP, 14(34), 305-325.

De Oliveira, L. P., & Serur, G., & Michel, R. B., & Esperandio, M. R. G. (2019). A formação acadêmica para a integração da religiosidade/espiritualidade na prática do psicólogo. *Psicologia Argumento*, vol. 37, nº 96, pp. 167–183.

De Freitas Araujo, S. (2009). Wilhelm Wundt e a fundação do primeiro centro internacional de formação de psicólogos. *Temas em psicología*, 17(1), 9-14.

Fattoracci, E. S., Revels-Macalinao, M., & Huynh, Q. L. (2021). Greater than the sum of racism and heterosexism: Intersectional microaggressions toward racial/ethnic and sexual minority group members. *Cultural diversity and ethnic minority psychology*, 27(2), 176.

Freitas, M. H. de & Piasson, D. L. (2016). Religião, religiosidade e espiritualidade: Repercussão na mídia e formação profissional em Psicologia. *Esferas*, vol. 8.

Fodor, J. A. (1981). *O problema mente-corpo*. trad. Saulo F. Araújo, versão preparada pelo professor.

Garros, T. V. (2016). O mito do conflito entre ciência e religião: até quando?. *Revista do Núcleo de Estudos de Religião e Sociedade (NURES)*, (34).

Grof, S. (2019). *Psychology of the future: Lessons from modern consciousness research*. State University of New York Press.

Hardom, J., & Numbers, L. e Binzley, A. (org)(2018. *The warfare between science and religion: the idea that wouldn't die*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, USA.

Harrison, P. (2007). Ciência e Religião: construindo limites. Traduzido de Peter Harrison, "Science" and "Religion": Constructing the Boundaries. *Journal of Religion*, 86 (2006), 81-106. Tradução gentilmente autorizada pelo autor e pelos editores. *Revista Estudos da Religião*, p 1-33. www.pucsp.br/rever/rv1_2007/p_harrison.pdf

Hathaway, D. B., e Oliveira, F. H. D. O., Mirhom, M., Moreira-Almeida, A., Fung, W. L. A., & Peteet, J. R. (2022). Teaching spiritual and religious competencies to psychiatry residents: A scoping and systematic review. *Academic Medicine*, 97(2), 300-310.

Henning-Geronasso, M. C., & Moré, C. L. O. O. (2015). Influência da religiosidade/espiritualidade no contexto psicoterapêutico. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 35, 711-725.

Husain, A., & Howard, S. (2020). Religious microaggressions: A case study of Muslim Americans. *In Microaggressions and Social Work Research, Practice and Education* (pp. 140-153). Routledge.

IBGE. (2010). *Censo Demográfico 2010: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência* (p. 215). Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Karrer, L. (2020). Construção da identidade religiosa em templos espiritualistas frente à religiosidade cristã: a prática do Espiritismo em Porangatu (Goiás–Brasil). *Estudos de religião*, 34(1), 61-80.

Lisbôa, F. M. (2020). Roda de conversa: metodologia na produção de narrativas sobre permanência na universidade. *História Oral*, v. 23, n. 1, pp. 161-182.

Louceiro, L. M. (ANO? ? ? ?) “The Varieties of Religious Experience” IN: William James Revisited “*As Variedades da Experiência Religiosa*” de William James Revisitada

Lucchetti, G., Granero, A. L., Bassi, R. M., Latorraca, R., & Nacif, S. A. D. P. (2010). Espiritualidade na prática clínica: o que o clínico deve saber. *Rev Bras Clin Med*, 8(2), 154-8.

Martin, G. F. S., Boas, A. C. V., de Mello Arruda, S., & Passos, M. M. (2020). Podcasts e o interesse pelas ciências. *Investigações em Ensino de Ciências*, 25(1), 77-98.

Minayo, M. C. S. (org), Deslandes, S. F., Gomes, R. (2016) *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016. 5ª reimpressão, 2021.

Montgomery Urdy, W. (2020). Professional ethics of the university teacher of psychology concerning a multi-paradigmatic panorama. *Revista Digital de Investigación en Docencia Universitaria*, 14(1), e1033. <https://dx.doi.org/10.19083/ridu.2020.1033>

Monteiro, Daiane Daitx, Reichow, Jeverson Rogério Costa, Sais, Elenice de Freitas, & Fernandes, Fernanda de Souza. (2020). Espiritualidade / religiosidade e saúde mental no brasil: uma revisão. *Boletim - Academia Paulista de Psicologia*, 40(98), 129-139. Recuperado em 22 de novembro de 2023, de <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2020000100014&lng=pt&tlng=pt>.

Moura, A. B. F, & Lima, M. da G. S. B. (2014). A Reinvenção da Roda: roda de conversa, um instrumento metodológico possível. *Interfaces da Educ.*, Paranaíba, v.5, n.15, p.24-35.

Nadal, K. L., Whitman, C. N., Davis, L. S., Erazo, T., & Davidoff, K. C. (2016). Microaggressions toward lesbian, gay, bisexual, transgender, queer, and genderqueer people: A review of the literature. *The journal of sex research*, 53(4-5), 488-508.

Nascimento, Ananda Kenney da Cunha, & Caldas, Marcus Túlio. (2020). Dimensão espiritual e psicologia: a busca pela inteireza. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 26(1), 74-89. <https://dx.doi.org/10.18065/RAG.2020v26n1.7>

Numbers, R. L. (2020). *Terra Plana, Galileu na prisão e outros mitos sobre ciência e religião*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil.

Numbers R, L, (2009). Mitos e Verdades em Ciência e Religião: uma perspectiva histórica. *Rev Psiq Clín*. 2009;36(6):246-51.

Pargament, K. I. (2011). *Spiritually integrated psychotherapy: Understanding and addressing the sacred*. Guilford Press.

Paulino, P. R. V. (2019). *Religiosidade/Espiritualidade em uma amostra nacional de psicólogos brasileiros: perfil e implicações na prática profissional*. Tese de Doutorado, UFJF, 2019.

Pereira, K. C. L., & Holanda, A. F. (2019). Religião e espiritualidade no curso de psicologia: revisão sistemática de estudos empíricos. *Interação em Psicologia*, vol. 23, nº 2.

Pereira, K. C. L., & Holanda, A. F. (2016). Espiritualidade e religiosidade para estudantes de psicologia: Ambivalências e expressões do vivido. *Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral*, vol. 8, nº 2, pp. 385-413.

Perse, A. M., dos Santos Ferreira, A., Muniz, E. D. V., Pereira, P. A. G. G., & Rios, N. F. D. S. A. (2021). A Espiritualidade e seu impacto na saúde. *Revista Científica da Faculdade de Medicina de Campos*, 16(2), 107-111.

Puchalski, C. M., Vitillo, R., Hull, S.K. & Reller, N. (2014) Improving the spiritual dimension of whole person care: reaching national and international consensus. *J Palliat Med*. Vol.17, nº 6, pp. 642-56. doi: 10.1089/jpm.2014.9427. Epub 2014 May 19. PMID: 24842136; PMCID: PMC4038982.

Raddatz, J. S., Motta, R. F. & Alminhana, L. O. (2019) Religiosidade/Espiritualidade na Prática Clínica: círculo vicioso entre demanda e ausência de treinamento. *Psico-USF*, Bragança Paulista, v. 24, n. 4, pp. 699-709.

Rey, F. L. G. (2013). O que oculta o silêncio epistemológico da Psicologia?. *Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais*. São João Del-Rei, 20-33.

Ribeiro, C. de O. & Franco, C de (2020). A Pluralidade Religiosa Global e Nacional em Questão. *Caminhos*. Goiânia, v. 18, n. 2, 308-324.

Rodrigues, A. B. (2023). Perspectivas científicas sobre experiências religiosas: um breve balanço do legado de William James na produção acadêmica recente. *Numen*, 26(1).

Sena, M. A. de Brito, Damiano, R. F., Lucchetti, G., & Peres, M. F. P. (2021). Defining spirituality in healthcare: A systematic review and conceptual framework. *Frontiers in Psychology*, 12, 756080.

Saunders, D. Norko, M. Fallon, B. Phillips, J. Nields, J. Majeed, S. ... & El-Gabalawi, F. (2020). Varieties of Religious (Non)Affiliation: a Primer for Mental Health Practitioners on the “Spiritual but Not Religious” and the “Nones”. *The Journal of Nervous and Mental Disease*. Vol. 208, N° 5, pp. 424-430.

Sue, D. W., Alsaidi, S., Awad, M. N., Glaeser, E., Calle, C. Z., & Mendez, N. (2019). Disarming racial microaggressions: Microintervention strategies for targets, White allies, and bystanders. *American Psychologist*, 74(1), 128.

Sue, D. W., Capodilupo, C. M., & Holder, A. (2008). Racial microaggressions in the life experience of Black Americans. *Professional psychology: Research and practice*, 39(3), 329.

Vitorino, L. M., Lucchetti, G., Santos, A. E. O., Lucchetti, A. L., Ferreira, E. B., Adami, N. P., & Vianna, L. A. C. (2016). Spiritual religious coping is associated with quality of life in institutionalized older adults. *Journal of religion and health*, 55, 549-559.

Vitorino, L. M., Lucchetti, G., Leão, F. C., Vallada, H., & Peres, M. F. P. (2018). The association between spirituality and religiousness and mental health. *Scientific reports*, vol. 8, nº 1, pp. 1-9. Disponível em: <<https://www.nature.com/articles/s41598-018-35380-w.pdf>>.

Zangari, W. e Machado, F. R. (Orgs.) (2018). *Psicologia e Religião: histórico, subjetividade, saúde mental, manejo, ética profissional e direitos humanos*. Inter Psi – Instituto de Psicologia, USP.

Zilio, Diego. (2010). Físicalismo na filosofia da mente: definição, estratégias e problemas. *Ciências & Cognição*, 15(1), 217-240. Recuperado em 19 de novembro de 2023, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212010000100018&lng=pt&tlng=pt.

Vitorino, L. M., Lucchetti, G., Santos, A. E. O., Lucchetti, A. L., Ferreira, E. B., Adami, N. P., & Vianna, L. A. C. (2016). Spiritual religious coping is associated with quality of life in institutionalized older adults. *Journal of religion and health*, 55, 549-559.

ANEXOS

Anexo A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa denominada **LÓGICAS RELIGIOSAS E ESPIRITUALISTAS EM CONTEXTO DE FORMAÇÃO E PRÁTICAS DE CUIDADO EM SAÚDE**, desenvolvida por Nádia Matos, Paulo Oliveira e Teresa Correia, sob a orientação de Mônica Daltro. O objetivo desse estudo é compreender como a dimensão da religiosidade/espiritualidade (R/E) está integrada à formação e à prática de profissionais de saúde. Para isso, buscamos conhecer como psicólogos e psiquiatras manejam a dimensão da religiosidade/espiritualidade na prática clínica, assim como, conhecer lógicas religiosas acionadas dentro dos discursos acadêmicos na formação em saúde.

Os resultados desta pesquisa nos ajudarão a compreender como a dimensão da religiosidade/espiritualidade se insere no contexto de formação acadêmica de estudantes de psicologia e medicina e como se apresenta na prática clínica de psicólogos e psiquiatras. Assim, ao potencializar e fomentar a discussão sobre religiosidade/espiritualidade no cuidado em saúde, espera-se contribuir com um referencial científico sobre o manejo dessa dimensão em contexto de formação e de prática clínica.

Os (as) pesquisadores (as) se comprometem em fornecer uma devolutiva individual e/ou coletiva a todos os participantes que tenham interesse em conhecer os resultados da pesquisa. Além disso, se comprometem em divulgar os resultados no âmbito institucional, acadêmico e científico a fim de ampliar as discussões sobre a temática. Você não será identificado em nenhum momento da apresentação dos resultados do estudo.

Caso decida participar dessa pesquisa, realizaremos uma roda de conversa contando com a presença de no máximo 15 pessoas. Durante o processo, perguntas abertas serão postas para discussão em grupo com o objetivo de conhecer sua história e experiência profissional, incluindo seu percurso acadêmico e o cotidiano de sua prática clínica. A roda de conversa será realizada virtualmente, através da plataforma zoom, ou presencialmente, em uma sala de aula reservada na Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública em dia e horário de conveniência das partes. A roda de conversa será gravada e posteriormente transcrita, logo será realizada em condições de conforto, sigilo e segurança adequadas ao processo da pesquisa.

Caso você experimente algum tipo de desconforto, constrangimento ou mobilização psíquica, poderá sair da roda de conversa imediatamente. Se necessário, você poderá ser atendido (a) individualmente pela pesquisadora responsável e psicóloga, Mônica Daltro. O atendimento pode ocorrer no momento da entrevista ou posteriormente, por plataforma online ou no consultório particular da mesma – Endereço: Av. Juracy Magalhães Júnior, 2490, sala 403 – Rio Vermelho. Se necessário você poderá ser encaminhado (a) a um centro especializado.

O material coletado ficará sob a responsabilidade do (a) pesquisador (a) em seu domicílio. Materiais físicos serão guardados em um armário com chave e os arquivos digitais em um computador protegido por senha por um período de 2 anos. Finalizado esse prazo, os documentos serão destruídos e apagados, de forma a não permitir a quebra do sigilo das informações neles contidas.

Ao participar da pesquisa você não terá nenhuma despesa e não será responsabilizado por nenhum custo relacionado a essa pesquisa. Além disso, você pode desistir do estudo a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem nenhum prejuízo na sua relação com a instituição.

Fica assegurado o seu direito de solicitar novamente esclarecimentos sobre a sua participação e sobre as informações relacionadas à pesquisa agora ou futuramente. Para esclarecer eventuais dúvidas, poderá entrar em contato direto com a pesquisadora responsável, Mônica Daltro, pelo número (71) 98784-8493 ou com os pesquisadores (as) envolvidos (as): Nádia Matos – Telefone: (71) 98705-9112; Paulo Oliveira – Telefone: (71) 99110-4480; ou Teresa Correia – Telefone: (71) 98880-3837.

Em caso de denúncia sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública pelo endereço: Avenida Dom João VI, 274, Brotas, Salvador – BA, 40.285-001; telefone: (71) 2101-1921; ou e-mail: cep@bahiana.edu.br.

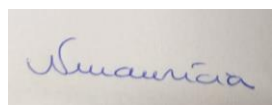
Seu consentimento indica que você decidiu participar da pesquisa como voluntário após leitura e esclarecimento das informações acima especificadas. Esse termo possui duas páginas e foi emitido em duas vias. Por favor, rubrique a primeira página e assine a última página deste documento, que também será rubricada e assinada pelo pesquisador (a) em duas vias de igual teor. A primeira via ficará em posse do pesquisador (a) e a segunda via ficará em seu poder como participante da pesquisa.

_____		POLEGAR (ANALFABETOS)
Nome do (a) participante	_____/_____/_____	

Assinatura do (a) participante	Data	

NÁDIA MAURÍCIA DE MORAES MATOS

Nome do (a) pesquisador (a)



27/08/2021

Assinatura do (a) pesquisador (a)

Data

Anexo B - Produto de Difusão de Conhecimento – Podcasts Temporada 1

Tema: “Religião e espiritualidade: há lugar para elas no cuidado psicológico?”

Nº	TEMA	RESPONSÁVEL	MINICURRÍCULO
01	Espiritualidade: diálogos com a vida e a ciência	Nádia Maurícia de Moraes Matos	Pesquisadora no campo da Religiosidade e Espiritualidade, psicóloga clínica, supervisora de estágio clínico, docente e mestranda em psicologia pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública.
02	Ciência versus religião: essa polaridade sempre existiu?	Jéssica Plácido	Pesquisadora na UFBA no campo da Religiosidade e Espiritualidade, psicóloga, doutora em Difusão do Conhecimento pela UFBA, docente na Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública.
03	Ciência e espiritualidade: a questão mente/cérebro	Jéssica Plácido	Pesquisadora na UFBA no campo da Religiosidade e Espiritualidade, psicóloga, doutora em Difusão do Conhecimento pela UFBA, docente na Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública.
04	Espiritualidade, religiosidade e conhecimento científico	André Luiz Peixinho	Atua principalmente nas áreas de espiritualidade, filosofia, psicologia, educação e saúde da família. Psicólogo, médico e filósofo, doutor em Educação pela UFBA, onde é professor titular.
05	Espiritualidade, religião e fundamentalismos contemporâneos: o que a psicologia tem a dizer?	Nádia Maurícia de Moraes Matos	Pesquisadora no campo da Religiosidade e Espiritualidade, psicóloga clínica, supervisora de estágio clínico, docente e mestranda em psicologia pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública.
06	Espiritualidade, religiosidade e matrizes africanas: que saberes estão em jogo?	Veridiana Silva Machado	Atua principalmente em Psicologia Social, Psicologia e Cultura, Etnopsicologia, Psicologia e Religião, Cultura afro-brasileira e Relações Étnico-Raciais. Psicóloga, Mestre em Psicologia pela FFCLRP/USP, docente na Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública.
07	Laicidade como um construto epistemológico: os desafios da psicologia	Roseli Gofman	Psicóloga, atuante nas discussões sobre laicidade e prática profissional em psicologia no Sistema Conselhos, Foi conselheira no Conselho Federal e no

			Conselho Regional (RJ) de psicologia. Pesquisadora na área da Comunicação e Esquizoanálise.
08	Como a psicologia tem contribuído para a compreensão da religião e da espiritualidade?	Milena Nardini Bubols	Pesquisadora no campo da Religiosidade e Espiritualidade, autora do livro “Desenvolvimento de Competências para o Manejo Clínico da Espiritualidade na Psicoterapia: um manual para psicoterapeutas”, psicóloga, Doutora em Psicologia pela PUCRS, fundadora e diretora do UNITATIS – Instituto de Psicologia e Saúde Multidisciplinar,.
09	O manejo clínico da Religiosidade/Espiritualidade na psicologia	Nádia Maurícia de Moraes Matos	Pesquisadora no campo da Religiosidade e Espiritualidade, psicóloga clínica, supervisora de estágio clínico, docente e mestranda em psicologia pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública.

**Anexo C - Produto De Difusão De Conhecimento – Podcasts Temporada 2 (Em
Produção)**

Tema: “Religião e espiritualidade: há lugar para elas no campo da saúde?”

Nº	TEMA
01	Espiritualidade e concepções de saúde: percurso de uma psicóloga
02	A espiritualidade e a equipe de saúde
03	A espiritualidade e os profissionais de saúde: medicina
04	A espiritualidade e os profissionais de saúde: fisioterapia
05	Religiosidade, espiritualidade e a formação em psicologia
06	Competências para integração da R/E e a formação dos profissionais de saúde
07	Religiosidade/espiritualidade no cuidado com as pessoas próximas da morte: aí tem lugar para o/a psicólogo/a?
08	A Espiritualidade como estratégia de cuidado: a morte no contexto hospitalar
09	Impacto das pesquisas sobre religiosidade/espiritualidade nos cuidados com a saúde

Anexo D – Parecer Consubstanciado do CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: LÓGICAS RELIGIOSAS E ESPIRITUAIS EM CONTEXTO DE FORMAÇÃO E PRÁTICAS DE CUIDADO EM SAÚDE

Pesquisador: Mônica Ramos Daltro

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 36408720.2.0000.5544

Instituição Proponente: Fundação Bahiana para Desenvolvimento das Ciências

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.364.953

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Compreender como a dimensão R/E está integrada à formação e prática de profissionais de saúde.

Objetivo Secundário:

- Conhecer como psicólogos manejam a dimensão da R/E na prática clínica.
- Conhecer como psiquiatras manejam a dimensão da R/E na prática clínica. •Identificar e descrever logicas religiosas que estejam atreladas a práticas de cuidado em saúde acionadas no campo do currículo de formação em medicina e psicologia.

Endereço: AVENIDA DOM JOÃO VI, 274

Bairro: BROTAS

CEP: 40.285-001

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)2101-1921

E-mail: cep@bahiana.edu.br



Continuação do Parecer: 4.364.953

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Segundo os autores

Riscos:

Existe a possibilidade de que o sujeito da pesquisa possa sentir algum tipo de desconforto, constrangimento ou mobilização psíquica, nesse caso, a entrevista e/ou grupo serão imediatamente interrompidos. Caso os participantes da pesquisa necessitem, poderão ser atendidos (as) pela pesquisadora Coordenadora do Projeto Profª Mônica Daltro, psicóloga CRP03/942 nas dependências de seu consultório particular ou por via eletrônica através de WhatsApp para acolhimento e encaminhamento especializado, caso seja necessário.

Benefícios:

Os pesquisadores se comprometem a fornecer uma devolutiva individual e/ou coletiva, a todos os participantes que tenham interesse de conhecer os resultados produzidos. E a divulgar os resultados no âmbito da instituição pesquisada com vistas a ampliar as discussões sobre a temática no âmbito da formação do profissional de saúde. A devolutiva contemplará apresentação de resultados, orientação e encaminhamento, caso necessário.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa sobre como a dimensão R/E está integrada à prática de profissionais de saúde mental. Pesquisa de abordagem qualitativa. Etapas e Participantes do Estudo Participantes Serão identificados 15 psicólogos, 15 psiquiatras, 10 docentes de cursos de psicologia, 20 docentes do curso de medicina, 15 discentes de medicina e 15 de psicologia. Utilizar-se- a técnica de Snowball, amostragem não probabilística que utiliza cadeias de referência, partindo do ciclo de relações da própria pesquisadora principal.

Instrumentos e Processo de Coleta ENTREVISTA INDIVIDUAL a ser realizada com psicólogos, psiquiatras e docentes. Entrevista semi-estruturada com questões previamente elaboradas. RODA DE CONVERSA - a ser realizada com os psicólogos entrevistados e discentes. Os encontros serão agendados conforme disponibilidade de cada grupo e cada participante. As atividades de grupo acontecerão nas dependências da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, unidade acadêmica de Brotas, conforme disponibilidade e comodidade dos integrantes do grupo. As salas dispõem de condições de conforto, sigilo e seguranças adequadas ao processo da pesquisa. Ou poderão também ocorrer por via eletrônica através do zoom integrado ao Ambiente Virtual de Aprendizagem da Bahiana. Somente serão incluídos aqueles que concordarem, voluntariamente,

Endereço: AVENIDA DOM JOÃO VI, 274

Bairro: BROTAS

UF: BA **Município:** SALVADOR

Telefone: (71)2101-1921

CEP: 40.285-001

E-mail: cep@bahiana.edu.br



Continuação do Parecer: 4.364.953

em participar do estudo, após conhecer os objetivos do mesmo e assinar o TCLE.

Critério de Inclusão: Psiquiatras - Com residência em psiquiatria, experiência clínica mínima de 5 anos e registro ativo no CREMEB Psicólogos - Experiência clínica mínima de 5 anos, registro ativo no CRP Docentes - Lecionando nos cursos de graduação em medicina e psicologia Discentes - Matriculados em curso de psicologia e medicina.

Critério de Exclusão: Psiquiatras e Psicólogos - afastados das atividades clínicas nos últimos dois anos Pessoas que não estejam lúcidas e orientadas no momento da coleta de dados.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

- Apresenta folha de rosto preenchida e assinada.
- Cronograma de Execução: Apresentado com previsão de coleta de dados de novembro de 2020 a novembro de 2021, com envio de Relatórios ao CEP Bahiana.
- Orçamento: Apresentado no valor de 6000,00.
- TCLE: Apresentados e corrigidos.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após análise bioética do protocolo de pesquisa, com base nas recomendações da Resolução 466/12 do CNS/MS e correções contidas no Recurso quanto a Cronograma e TCLEs, o protocolo apresenta condições de aprovação por este CEP-Bahiana.

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o CEP-Bahiana, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 466 de 2012 e na Norma Operacional nº 001 de 2013 do CNS, manifesta-se pela aprovação deste protocolo de pesquisa dentro dos objetivos e metodologia proposta.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Recurso do Parecer	recurso.pdf	12/10/2020 12:21:30		Aceito
Recurso Anexado pelo Pesquisador	Recurso.pdf	12/10/2020 12:21:15	Paulo	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura	REprojetoфин.pdf	12/10/2020 12:06:28	Paulo	Aceito

Endereço: AVENIDA DOM JOÃO VI, 274

Bairro: BROTAS

CEP: 40.285-001

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)2101-1921

E-mail: cep@bahiana.edu.br



Continuação do Parecer: 4.364.953

Investigador	REprojetoфин.pdf	12/10/2020 12:06:28	Paulo	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLERodA.pdf	12/10/2020 12:06:10	Paulo	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEEntrevista.pdf	12/10/2020 12:05:30	Paulo	Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1604574.pdf	19/09/2020 10:31:25		Aceito
Solicitação registrada pelo CEP	Resp.pdf	19/09/2020 10:31:03	Paulo	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEroda.docx	18/09/2020 11:03:08	Paulo	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEEnt.doc	18/09/2020 11:02:44	Paulo	Aceito
Folha de Rosto	for.pdf	18/09/2020 10:25:04	Paulo	Aceito
Outros	ENTREV.docx	30/07/2020 17:07:56	Mônica Ramos Daltro	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	REprojeto.docx	30/07/2020 17:04:02	Mônica Ramos Daltro	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SALVADOR, 27 de Outubro de 2020

Assinado por:
Roseny Ferreira
(Coordenador(a))

Endereço: AVENIDA DOM JOÃO VI, 274

Bairro: BROTAS

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)2101-1921

CEP: 40.285-001

E-mail: cep@bahiana.edu.br